

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

THAYNÁ CRISTINA ROSA CARNEIRO

**POSIÇÕES E OPOSIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE CAUSAS LEGÍTIMAS A
PARTIR DO JORNAL VIAS DE FATO (São Luís/MA)**

SÃO LUÍS
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

THAYNÁ CRISTINA ROSA CARNEIRO

**POSIÇÕES E OPOSIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE CAUSAS LEGÍTIMAS A
PARTIR DO JORNAL VIAS DE FATO (São Luís/MA)**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Doutora Eliana Tavares dos Reis.

SÃO LUÍS
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Carneiro, Thayná Cristina Rosa.

Posições e oposições na produção de "causas legítimas"
a partir do Jornal Vias de Fato / Thayná Cristina Rosa
Carneiro. - 2021.

75 p.

Orientador(a): Eliana Tavares dos Reis.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Sociais,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís - MA, 2021.

1. Causas legítimas. 2. Identificações Coletivas. 3.
Porta-vozes. I. Reis, Eliana Tavares dos. II. Título.

THAYNÁ CRISTINA ROSA CARNEIRO

POSIÇÕES E OPOSIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE CAUSAS LEGÍTIMAS A
PARTIR DO JORNAL VIAS DE FATO (São Luís/MA)

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Professora Doutora Eliana Tavares dos Reis (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

Professor Doutor Wheriston Silva Neris

Universidade Federal do Maranhão

Professor Doutor Igor Gastal Grill

Universidade Federal do Maranhão

Aprovado em __/__/____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela fé - um antônimo necessário neste espaço. Sabendo da Sua potencialidade, bondade e ação criadora e pela oportunidade de estar finalizando mais uma etapa. Este “saber” torna-se simplesmente irônico e divertido, ao mesmo tempo que reconfortante, em um trabalho que busca desnaturalizar tantas dimensões da vida.

Agradeço à Selma Rosa e Wagner Carneiro, vocês dois são, de longe, as coisas mais concretas por trás deste trabalho que é um final e um começo. Os créditos, o apoio, a grana... ter decidido fazer Ciências Sociais... mãe... obrigada, foi você que me ajudou a escolher tudo isso!

Aos professores Eliana Tavares e Igor Grill, posso imaginar facilmente o porquê desta pesquisa, o porquê do LEEPOC quando lembro de vocês, o quanto me ajudaram a progredir como estudante, cientista social e professora... vocês são demais! A inspiração vai durar para sempre em mim! Especialmente, professora Eliana, pela atenção, cuidado, conselhos, revisão dos textos, as boas e tão francas conversas, uma super orientadora!

Às minhas amigas: Bianca Viegas, meu bem, não há palavras para tudo que vivemos na UFMA, você sempre foi doce, companheira e preocupada, isso sempre importou e fez uma diferença singular... Lorena... Lore... Lolove, gostosona, divertida e amiga, agradeço pelas conversas profundas e reflexões existenciais (risos), você me inspirou muitas vezes durante o curso, em várias situações você não me dirigiu palavras, eu só contemplava. Rosinha, meu amor, te conhecer é mais que especial, é único! Você realmente nos escuta, é uma referência ambulante; sou satisfeita por quem você foi se tornando ao longo do tempo e como isso me afetou da maneira mais particular possível. Ver que somos resultado dessas vivências enche meu peito de afeto!

Preciso mencionar Tiago Máci, companheiro e amigo durante anos que sempre me ouvia quando aprendia algo novo e entrava nas minhas “nóias” facilmente, muitas vezes só para me agradar (risos). Aos professores do Curso, aos familiares e colegas de sala e do LEEPOC, meus sinceros agradecimentos por todas as experiências compartilhadas.

RESUMO

Este trabalho é uma análise sobre a construção de causas legítimas no Jornal Vias de Fato da cidade de São Luís – MA, o que foi desenvolvido em conjunto com o Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC). Entre os principais objetivos da investigação mais ampla está a análise dos fatores que interferem, por um lado, na produção de repertórios de questões legítimas em certas conjunturas históricas e domínios específicos de atuação (Maranhão), que se reflete em formas de perceber diferentes aspectos que definem o estado e causas sociais, e, por outro lado, na conquista de posições de destaque e nos posicionamentos assumidos por agentes que conseguem ser reconhecidos como intelectuais e nomes importantes na defesa destas pautas. Assim, a pesquisa aborda o trabalho de construção de causas legítimas e apreende as condições de afirmação dos seus porta-vozes a partir da análise de matérias publicadas no Jornal Vias de Fato, criado para “ser um canal de expressão das demandas sociais do movimento social maranhense”, além de apresentar-se consistentemente como de oposição ao governo do estado. Compreendem-se as dinâmicas de construção de “identificações coletivas”, observando como elas são dependentes “das definições/edificações operadas e disputadas por agentes que visam impor sentidos de existência de grupos, comunidades ou questões” e, para isso, utilizam “recursos (objetivos e subjetivos)... em consonância com as condições de manipulação de sistemas simbólicos (ideias, versões, concepções e classificações)”, possibilitando delimitar o “lugar que ocupam como porta-vozes de causas consideradas legítimas” no Maranhão (Reis & Grill, 2015).

Palavras-chave: Porta-vozes, Causas Legítimas, Identificações Coletivas.

ABSTRACT

This work is an analysis of the construction of legitimate causes in the *Jornal Vias de Fato* in the city of São Luís - MA, which was developed in conjunction with the Laboratory of Studies on Political and Cultural Elites (LEEPOC). Among the main objectives of the broader investigation, is the analysis of the factors that interfere, on the one hand, in the production of repertoires of legitimate issues in certain historical situations and specific areas of activity (Maranhão), which is reflected in ways of perceiving different aspects that they define the state and social causes, and, on the other hand, in the conquest of prominent positions and in the positions taken by agents who manage to be recognized as intellectuals and important names in the defense of these guidelines. Thus, the research addresses the work of building legitimate causes and apprehends the conditions of affirmation of its spokespeople from the analysis of articles published in the *Jornal Vias de Fato*, created to “be a channel for expressing the social demands of the social movement. Maranhão”, in addition to consistently presenting itself as opposed to the state government. The dynamics of construction of “collective identifications” are understood, observing how they are dependent “on the definitions / buildings operated and disputed by agents that aim to impose meanings of the existence of groups, communities or issues” and, for that, they use “resources (objective and subjective)... in line with the conditions of manipulation of symbolic systems (ideas, versions, concepts and classifications)”, making it possible to delimit the “place they occupy as spokespersons for causes considered legitimate” in Maranhão (Reis & Grill, 2015).

Keywords: Spokespersons, Legitimate Causes, Collective Identifications.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E REFERENCIAL TEÓRICO ..	10
1.1 Referencial teórico	10
<i>1.1.1 Intelectuais e a política</i>	13
<i>1.1.2 Engajamento militante</i>	16
CAPÍTULO II: O JORNAL: AS FASES, QUEM SÃO OS AGENTES E AS MATÉRIAS	26
1. O Jornal <i>Vias de Fato</i>	26
<i>1.1. Características estruturais do Jornal</i>	27
1.2 Temáticas e editorias como causas legítimas	32
CAPÍTULO III: OS PORTA-VOZES E SEUS POSICIONAMENTOS	35
1.1 A presença de Parlamentares	37
1.2 Os “donos” do jornal	39
1.3 O Lugar das mulheres	44
1.4 Os “professores/pesquisadores”	48
1.5 A Editoria de Cultura	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERENCIAS	63
ANEXOS	65

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa abordar a construção de causas consideradas legítimas no Maranhão e apreender as condições de afirmação de porta-vozes a partir da análise de matérias publicadas no Jornal *Vias de Fato*. O Jornal *Vias de Fato* é um periódico mensal que se afirma, em seu manifesto de lançamento, como um “projeto de comunicação disposto a tratar de política, cultura e meio ambiente”, atento “aos movimentos sociais, às organizações populares e à comunidade estudantil universitária”, servindo como um meio de “desacato à estrutura que domina” contra a “lógica da máfia”, interessado em fazer “a nossa parte” (Edição 1, página 3, ano 2009). Portanto, pretende-se um veículo de aglutinação de ideias, porta-vozes e causas localizadas “à esquerda” nas opiniões políticas.

Entre os objetivos principais da pesquisa, desenvolvida no Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC), vinculado ao Departamento de Sociologia e Antropologia e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), estão o de analisar os fatores que interferem, por um lado, na produção de repertórios de questões legítimas, em certas conjunturas históricas e regionais e a partir de *domínios sociais* específicos de atuação; e, por outro lado, examinar os elementos que colaboram na conquista de posições de destaque e nos posicionamentos assumidos por agentes que conseguem ser reconhecidos como intelectuais, porta-vozes, no estado

Desta forma, esta pesquisa observa quais são as principais causas definidas e divulgadas por porta-vozes específicos, mostrando algumas dinâmicas de construção de “identificações coletivas”, que são colocadas em disputa por agentes que levantam “bandeiras” e defesas acerca de “problemas sociais” e questões consideradas importantes para grupos, comunidades, etc. Estes agentes são considerados porta-vozes, portanto, porque utilizam recursos e manipulam modelos de classificação do mundo social, delimitam legitimidades e conquistam reconhecimento enquanto “intelectual”, detendo o monopólio de falar “por” e “em nome de” causas relacionadas ao que estes classificam como “cultura”, “meio ambiente”, “minorias sociais”, etc.

Objetiva-se investigar e perceber amálgamas entre cultura e política, a partir da produção no Jornal *Vias de Fato*, desnaturalizando a condição de intelectual e de causas evidentes, observando os condicionantes que dão base às construções de

identificações coletivas. Para observar quais são as causas consideradas legítimas, foram analisadas todas as matérias assinadas e seus autores, de 2009 até o ano de 2015.

Padronizamos as temáticas mais discutidas e, a partir disso, construímos uma listagem de agentes e categorias utilizadas pelo próprio Jornal (“política”, “meio ambiente”, “minorias”, “cultura”, etc.). Em relação aos agentes que assinaram as matérias catalogadas, os esforços foram de sistematização das informações biográficas retiradas das notas de rodapé (que apresentavam ocupações/profissões destes). Possibilitando observar seus *domínios de atuação*.

Com isso, foi possível caracterizar socialmente os porta-vozes que assinaram as matérias do jornal, percebendo as transformações conjunturais e estruturais; quais os condicionantes históricos e sociais onde estão inscritas as suas definições; desvelando os mecanismos de edificação/definição de identificações coletivas e dinâmicas internas dos *domínios* políticos e culturais.

Foi imprescindível cotejar discrepâncias e regularidades entre os agentes investigados no que diz respeito às suas ocupações/profissões e também entre as temáticas das matérias do jornal em relação às causas consideradas legítimas para localizar casos representativos das posições e posicionamentos. E, a partir disso, realizamos entrevistas com porta-vozes exemplares à compreensão do universo de pesquisa.

CAPÍTULO I: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E REFERENCIAL TEÓRICO

Para a construção dos perfis dos agentes e das matérias, tomou-se como fonte principal e também como objeto o Jornal *Vias de Fato*. Utilizou-se o método prosopográfico, operacionalizado mediante a construção de quadros, a partir dos quais foi possível padronizar as temáticas das matérias do Jornal. Importou perceber como os agentes se utilizam de categorias de definição e quais são as suas principais ocupações, informações estas que permitem perceber porta-vozes autorizados/legitimados (CHARLE, 2006).

A construção dos quadros foi elaborada no que tange ao perfil social, informações a respeito da escolarização (existência ou não de formação acadêmica e ocupação/profissão). Foram observadas as principais temáticas abordadas no jornal, criando, assim, quadros que relacionavam os agentes com o teor das matérias.

Por fim, para uma análise mais aprofundada, foram feitas entrevistas com alguns agentes mais notáveis no que diz respeito à produção no Jornal, a singularidade dos temas tratados, existência de vínculos, recorte de gênero, etc.; a fim de ampliar a compreensão entre as múltiplas lógicas que atuam na produção e validação das causas defendidas pelo Jornal, os níveis de identificação, o contexto regional e nacional, o caráter *faccional* do contexto jornalístico, militância, etc.

1.1 Referencial teórico

Norbert Elias apresenta um modelo sociológico para a compreensão da realidade social que parte de reflexões sobre a mutabilidade da humanidade como uma constante social. Essa perspectiva abarca um entendimento de que a sociologia possui uma autonomia relativa em relação aos campos de investigação científicos. Para isso, as análises sobre a realidade social devem partir de uma diferenciação dos problemas de "natureza" social relacionados às mudanças "humanas".

Elias (1999) chama atenção para os modelos reificantes, que transformam mudanças em condições estáticas: redução processual (Idem, 1999). Por isso, propõe uma ruptura com conceitos advindos das ciências naturais - que são

aplicados às ciências sociais - que reduzem tudo aquilo que se observava como sendo imóvel e mutável, em algo de imutável e eterno (IDEM, 1999, P. 124).

O conceito de *configuração* é introduzido pelo autor na tentativa de não substancialização de categorias pensadas como opostas ("indivíduo" e "sociedade" ou "estrutura" e "função", etc.). Na pesquisa em ciências sociais, um conceito é um atributo de relações e está inserido em uma teia de pessoas (ELIAS, 1999). Estas têm como objetivo diminuir polarizações entre categorias, dando um equilíbrio às estruturas presentes em diferentes tipos de configuração, que abarcam interdependências.

Pierre Bourdieu introduz um modelo de análise que se caracteriza como um tipo de configuração, pois concebe a realidade social em uma perspectiva igualmente relacional, processual e sincrônica. Ele insere o conceito de *campo* para compreender estruturas de relações e processos sociais que adquirem formas próprias. Há, assim, princípios e regras específicos, já que o conceito se constitui historicamente, ou seja, estabelecido por meio das transformações sociais.

Segundo a própria proposta de Pierre Bourdieu, quando se trata especificamente do trabalho intelectual, sua análise central é essencialmente "disposicionalista", reverberando na defesa de uma sociologia que permite visualizar historicamente a constituição (ou não) de estruturas como os campos, assim superando uma "teoria formal vazia" (BOURDIEU, 1983, p. 119).

Bernard Lahire aponta usos e limites da aplicação da teoria dos campos, já que a "realidade" social é diferenciada e resulta de processos históricos específicos. Portanto, uma universalização da teoria bourdieusiana, em situações historicamente diferenciadas, seria um impedimento para um trabalho científico válido dentro da proposta de uma teoria da ação.

Com esta ferramenta teórica [habitus], o sociólogo pretendia apreender o social sob sua forma incorporada (o que o mundo social deixa em cada um de nós na forma de propensões a agir e reagir de certa forma, de preferências e detestações, de modos de perceber, pensar e sentir) e assim atacar as bases do mito da liberdade individual. (LAHIRE, 2002, p. 45).

Qualquer ferramenta conceitual não é uma fórmula geradora que resolve um problema antes mesmo de tê-lo colocado e tratado empiricamente. O autor demonstra o caráter profundamente social dos conceitos, propondo, então, que a pesquisa sociológica parta da análise histórica e relacional, compreendendo as

propriedades sociais em relação à constituição de esquemas teóricos (LAHIRE, 2002, p. 46).

O uso do conceito de *campo* envolve uma série de critérios, que nem sempre são aplicáveis em realidades distintas das condições de estabelecimento do mesmo.

Reis e Grill (2016) atentam para o cuidado de se evitar falácias teóricas em realidades sociais dependentes da relação entre “centro” e “periferia” (“periferia” aqui expressa no sentido de: situações de dominação em relação às imposições das problemáticas consideradas legítimas para as dimensões da política, cultura, religião, etc. cujos modelos de instituições foram importados dos centros, mas não trouxeram a história de seu “nascimento”).

Em lógicas heterônomas, onde são desenvolvidos diálogos legitimados por essa importação, há uma necessidade de alargamento e problematização das análises dos campos centrais à investigação dos domínios constituídos na periferia, (GRILL & REIS, 2016), pois há:

[...] realidades históricas nas quais não se verifica significativos índices de institucionalização das esferas sócias [...] marcadas pelo caráter estruturante das relações pessoais, do capital simbólico personificado e do capital de relações pessoais. [...] condições históricas [onde] atuam decisivamente a mobilização de laços pessoais, diretos (face a face), efêmeros, redigidos pela reciprocidade, pela troca de favores e pelo particularismo. (GRILL & REIS, 2016, p. 29).

Quando se analisam realidades históricas (acima definidas como periféricas), as relações entre política e cultura, por exemplo, acabam proporcionando alguns discursos que são essencializados. Isso acontece de tal forma, que prejudica a compreensão da dinâmica existente quando se estudam configurações sociais heterogêneas, pois estas são compostas de "alianças, clivagens, interpenetrações, osmose, etc." (IDEM, 2016).

Os autores, assim, preocupam-se em utilizar a noção de *domínio* como este espaço heterogêneo, sem deixar a terminologia elite como aquela que “acolhe diversos tipos de grupos dirigentes, ou dominantes”, “protagonistas de transformações dos princípios dominantes de hierarquização social, cultural e política” (IDEM, 2016).

Os espaços de poder ocupado pelas "elites" - em *domínios* com fronteiras pouco autonomizadas - indicam a possibilidade de cruzamentos de lógicas variadas, que interferem na definição destes domínios. Os quais são constituídos de agentes

que disputam posições sociais utilizando suas propriedades sociais e recursos múltiplos. O que Grill e Reis denominam como *multinotabilidade* e *multidimensionalidade*. Logo, o estudo sobre a "política" e a "cultura" é estabelecido em termos de "ordens sociais" diversas (REIS & GRILL, 2016).

1.1.1 Intelectuais e a política

Em relação a agentes que ocupam posições "intelectuais", alguns desafios são colocados pela multidimensionalidade das dinâmicas referentes à "política" e os "intelectuais", dinâmicas que são frutos de adaptação e de absorção dos bens importados.

Giséle Sapiro, em seu artigo sobre "Modelos de intervenção política dos intelectuais: o caso Francês" remonta inicialmente à história para demonstrar o surgimento da categoria "intelectual" após o século XVIII, na Europa, como uma "função" atribuída a agentes que participam de um "campo relativamente autônomo" (SAPIRO, 2012, p. 20).

A expansão da escolarização, o desenvolvimento das universidades, a ascensão do paradigma científico, as industrializações da produção de impressos contribuem à afirmação do poder simbólico dos "intelectuais" e de sua aparição como categoria social no final do século XIX. (SAPIRO, 2012, p. 20)

Segundo Sapiro, "na maioria das sociedades encontramos um grupo ou categoria de indivíduos exercendo uma função intelectual, como o clero", (SAPIRO, 2012, p. 21), mas somente a partir do século XVIII que se pode falar em *campo intelectual*. O termo "intelectual" possui, inicialmente, uma definição política, mas a partir de 1920 passa a denominar uma profissão. O conceito de campo, proposto originalmente por Pierre Bourdieu, "permite tomar por objeto a tensão entre estas duas definições, política e profissional" (IDEM, 2012, P. 21).

O artigo que trata das formas de intervenção política dos intelectuais na França, portanto, situa o campo intelectual como um campo de produção ideológica. Ele está localizado entre o campo político e o de produção cultural. O conceito é metodologicamente aplicado para compreender as disputas pela "imposição da visão legítima do mundo social" (IDEM, P.21).

Sapiro analisa, fundamentalmente, os “modelos de intervenção dos intelectuais”, que variam de acordo com o nível de engajamento, por exemplo, com demandas externas ao campo e o capital simbólico adquirido. As posições dominadas tendem para um engajamento mais coletivo; já os dominantes utilizam a força do seu próprio nome para expor opiniões políticas.

A autonomia - em detrimento de demandas externas - e o volume de capital específico atuam nas relações de forças dentro do campo. O grau de especialização dos agentes também é levado em consideração na análise. Por isso, é possível perceber, nas tomadas de posição, aqueles que se mobilizam em torno da ciência e os que falam em nome de si mesmos; logo, os efeitos disso nas posições de poder.

Com muitos outros aprofundamentos, Sapiro desenha oito modelos (tipos ideais) de intervenção política dos intelectuais na França, caracterizados em aspectos mais generalistas ou especializados e, dentro destes dois universos. Ela aloca os modelos em relação ao grau de autonomia e heteronomia, logo, convergindo para as posições dos agentes dominantes e dominados dentro do campo intelectual francês.

Este caso demonstra como as leis gerais dos campos, em realidades centrais, são historicamente estabelecidas e dependem, apenas de forma relativa, das propriedades sociais dos agentes, que por sua vez estão em constante disputa pelo monopólio do capital simbólico (específico do campo) e abrangem, para isso, um habitus inteiramente relacionado às exigências para entrada/participação no jogo.

Para análise de lógicas adversas a estas – observadas em realidades centrais, como o caso estudado por Sapiro – as quais:

[...] [dizem] respeito às transações – em múltiplas vias – de produtos centrais (técnicas, nomeações, saberes, normatividades, redes, organizações, repertórios...) exportados, imbricados e precariamente ajustados às condições de inscrição dos importadores (instituindo oposições entre dominantes e dominados). (CORADINI & REIS, 2012)

Alguns desafios são colocados pela multidimensionalidade de lógicas que marcam as adaptações e reinvenções dos bens importados por dinâmicas periféricas, que se refletem nas relações entre “política” e à “cultura”, dinâmicas amalgamadas. Por isso a necessidade de entender:

[...] o caráter relacional dos mecanismos de estruturação e hierarquização dos domínios sociais nos limites fluidos das fronteiras nacionais, e em que medida eles são derivados das ligações com centros internacionais. (CORADINI & REIS, 2012)

Daniel Pécaut analisa as mudanças históricas ocorridas no Brasil para especificar o significado de “intelectual” como um construtor do “povo” e da “cultura”, definindo a realidade nacional como um “mundo” que eles conhecem: para estar à altura da construção da nação. O intelectual é a figura do portador da identidade nacional e detentor do saber relativo às leis da evolução histórica. (PÉCAUT, 1990)

O intelectual brasileiro assemelha-se ao político, pois detém os segredos da realidade, desfazendo, assim, a ideia de que há um engajamento intelectual individual, mas sim uma defesa do conhecimento da realidade nacional, desaguando em uma indistinção entre a ação e o conhecimento - já que a realidade é concebida como política em sua totalidade. É justamente neste ponto que se começa a pensar na não existência de uma configuração de campo intelectual no Brasil: a autonomia em relação à política significaria a inexistência do intelectual.

Portanto, para uma melhor compreensão sobre o lugar dos intelectuais em realidades sociais como a brasileira, é necessário observar movimentos acerca do engajamento militante. Muitas vezes, são nestes movimentos que agentes encontram meios de traduzir recursos e origens sociais em posições sociais aptas para legitimar causas, classificações, posicionamentos ideológicos, representações sobre o mundo social e definições de cultura.

Há múltiplas intersecções que abrem para mecanismos e condicionantes que presidem a ocupação de posições mais ou menos dominantes (GRILL & REIS, 2014, p. 10). A ocupação destas posições dominantes (de “intelectual”) se dá por meio de condições variadas e sentidos dados as disputas dentro de domínios. Disputas estas que legitimam lideranças e apropriações, por exemplo, de categorias.

O estudo das intervenções militantes exige, pois, a apreensão dos condicionantes que operam na conformação de adesões, de modalidades e de domínios de intervenção política, agilizados pelos agentes em diferentes conjunturas históricas. A opção de debutar na militância em certas condições biográficas e conjunturais, os investimentos e as demais “escolhas” priorizadas, refletem fundamentalmente a combinação entre recursos detidos, atributos acumulados e pertencimentos variados [...] (REIS, 2015, p. 66)

Os contatos e vínculos estabelecidos entre os agentes - em lógicas que possuem um caráter multidimensional - produzem uma constituição de alianças passageiras e "instrumentais"; em relação aos vínculos: envolvem afetividade ou informalidade, ambas entendidas como capital de relações sociais (BOURDIEU, 1998; REIS, 2015).

Todas estas dimensões de análise (condições de entrada, identificações, contatos e vínculos, tomadas de posição, etc.) são encontradas do estudo sobre intervenções políticas de Reis (2015) e, por isso, subsidia esta pesquisa no sentido encaminhar as análises sobre produção intelectual e engajamento militante em domínios heterogêneos, onde as definições políticas e culturais se inter cruzam de forma sincrônica.

1.1.2 Engajamento militante

Uma discussão sobre os estudos de engajamento militante na França foi produzida por Frédéric Sawicki e Johanna Siméant (2011), eles retomam argumentos clássicos e, principalmente, as novas possibilidades de análise e noções de retribuição no engajamento. Visam propor uma sociologia que integre níveis de micro, meso e macro. Os autores definem engajamento militante como uma "participação duradoura em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa" (p. 201).

Eles fazem uma análise do engajamento militante, ampliando a ideia de socialização, articulando "contexto e a variação dos níveis e das formas de investimento militante" (IDEM, P. 208). Propõem um novo olhar sobre o que se chama de retribuição dentro do engajamento, afastando-se da ideia de que a ideologia pode explicar a militância, e dando mais ênfase ao caráter relacional destas retribuições.

O artigo mostra que os vínculos construídos entre amigos, vizinhos e, muitas vezes, a própria religião (na intenção de conscientizar sobre injustiças) foram bem determinantes em relação "à inculcação de mensagens e de valores explícitos." (p. 214). A noção de rede é muito forte na análise desses autores, já que raros foram casos de jovens que entraram na militância após campanhas, ou por meio de mídias.

As pesquisas recentes também insistiram sobre o papel das redes sociais como suporte de sociabilidade e de novas identidades que contribuem para a eficácia e manutenção do recrutamento na ação coletiva. O engajamento [...] reduz o campo das possibilidades dos indivíduos, principalmente quando “marca” ou estigmatiza, como mostra o caso dos sindicalistas que, apresentando-se como tais, assumem o risco de sacrificar uma parte de sua carreira profissional. (SAWICKI & SIMEANT, 2011, p. 215)

“A existência de experiências sociais compartilhadas por grupos de indivíduos com propriedades análogas, senão similares” é que permite as mobilizações coletivas serem possíveis. Desta maneira, é impossível, para estes autores, a separação entre “o estudo das disposições, das fileiras e das redes de adesão e os das instituições ou mesmo simplesmente dos grupos que originam a institucionalização.” (SAWICKI & SIMEANT, 2011, p. 217 e 218).

A reflexão permite perceber que os modelos de engajamento militante estão mais relacionados às propriedades sociais dos engajados do que às causas em si, pois estão em espaços onde as lógicas de institucionalização de partidos e de mobilizações efetivas se alimentam mutuamente.

Já em domínios sociais porosos, que envolvem relações de força, ocupação de posições e representações do mundo social, denominados como “política”, “cultura”, “religião”, etc., há múltiplas intersecções que abrem para mecanismos e condicionantes; os quais presidem a ocupação de posições mais ou menos dominantes (GRILL & REIS, 2014. p. 10). A ocupação destas posições dominantes (de “intelectual”) se dá por meio de condições ainda mais variadas e sentidos dados as disputas que legitimam lideranças e apropriações, por exemplo, de categorias.

A pesquisa sobre trajetórias de agentes atuantes em movimentos de resistência ao regime militar, de 1960-70, no Rio Grande do Sul (REIS, 2015) apresenta domínios sociais que se inter cruzam e agentes que redefinem alianças e alinhamentos de formas mais frenéticas e diretas, levando-se em consideração as oportunidades disponíveis na militância e as tomadas de posição individuais e coletivas.

O estudo das intervenções militantes exige, pois, a apreensão dos condicionantes que operam na conformação de adesões, de modalidades e de domínios de intervenção política, agilizados pelos agentes em diferentes conjunturas históricas. A opção de debutar na militância em certas condições biográficas e conjunturais, os investimentos e as demais "escolhas" priorizadas, refletem fundamentalmente a combinação entre recursos detidos, atributos acumulados e pertencimentos variados [...] (REIS, 2015, p. 66)

A investigação, assim, envolve uma preocupação com as dimensões sociais, pessoais e ideológicas (afinidades, elos, visões de mundo, etc.); o objetivo é entender a produção de causas consideradas legítimas que vão para além de uma categorização de ideologias, mas que buscam lógicas e condições de sua criação.

A identificação é decorrente das relações (afetivas, rivais, ideológicas, etc.) mantidas entre agentes, inseridos em lutas consideradas válidas, e, também, de um processo condicionado por estratégias e investimentos dos agentes. Logo, há a criação de círculos de reconhecimento que estão em constante redefinição: ocupam posições, manejam trunfos em favor de uma legitimação - enquanto ocupantes - e produzem e/ou absorvem, também, valores e sentidos.

A autora leva em consideração a permeabilidade das fronteiras entre os domínios que compõem o espaço social (REIS, 2015) (movimentos no Rio Grande do Sul), já que se percebe que os elos são muito mais diretos e diferentes daqueles detectados nas redes (SAWICKI, 1997) em contextos históricos de objetivação do social.

Uma forma de observar estas identificações em realidades mais fluídas é em eventos singulares de contestação (REIS, 2015), a formação de líderes legitimados a falar em nome do povo ou de causas legítimas (BOURDIEU, 2004), e que estabelecem uma cadeia de seguidores, que sabem reconhecer habilidades, visões, ideologias, etc.

E ainda se aliam de forma efêmera ou por manterem laços afetivos. O que vale nestas relações hierarquicamente alocadas é um capital social personalizado (BOURDIEU, 1998; LANDÉ, 1997; REIS, 2015). Assim, essa perspectiva analisa laços constituídos por meios mais ou menos institucionais ou elos afetivos, pois estão alocados em lógicas multidimensionais.

As dimensões de análise levaram em consideração vários fatores relacionados às propriedades sociais dos agentes; como também às condições de entrada em uma situação de crise (ditadura militar). A autora frisa o fato de estar

analisando "uma realidade histórica na qual há evidente fluidez de lógicas, indissociavelmente, políticas, culturais, éticas, estéticas, etc." (REIS, 2015, p. 65).

A conquista de posições sociais destes agentes perpassa por lógicas relativas à composição de grupos e pelas relações estabelecidas entre eles. Logo, Reis (2015) percebe um conjunto de representações sobre causas nas quais estes justificam suas tomadas de posição. Outra dimensão aprofundada pela autora diz respeito à questão das identificações produzidas dentro dos engajamentos militantes:

Deste modo, as identificações são construídas e nutrem um universo de referências que dão sentidos às escolhas, crenças, retribuições. O identificador o é em relação ao círculo de reconhecimento que o faz um ser inteligível aos outros e a si mesmo. Portanto tem "fé" na existência do "grupo" enquanto "realidade objetiva" [...] (IDEM, 2015, p. 71)

Dentre as fontes de pesquisa utilizadas pela autora, o *Jornal Informação*, que se apresentava como um jornal alternativo, também se constituiu em objeto de análise, por sua relevância na aglutinação de militantes e de lógicas distintas, matérias voltadas a defesa democrática, questões político-partidárias, perspectiva de "combate à ditadura", "defesa do socialismo" e da "democracia" (IDEM, 2015).

Os elos estabelecidos entre agentes foram detectados a partir destas produções, identificações acerca de "causas"; junto com as entrevistas, que mostraram a constituição do grupo que se chamou de "pessoal de Santa Maria"; as alianças em relação aos movimentos de apoio a candidaturas posteriores (1970) de alguns agentes foram destrinchadas pela análise de disposições sociais, "afinidades", posicionamentos "intelectuais", etc.

O caso do "pessoal de Santa Maria" (REIS, 2015, P.111) é exemplar no que diz respeito a construção de causas legítimas tendo, como terrenos propícios, a produção jornalística e o estabelecimento de vínculos através da Universidade: lugares de transmissão de ideias atrelados à possibilidade de visibilidade que o Jornal trouxe para o debate político e cultural dentro do "regime militar".

A título de inspiração, retomou-se o debate dos autores Eliana Reis e Igor Grill (2016) sobre intersecções entre os domínios políticos e culturais, para melhor compreender como as dinâmicas da produção intelectual e do engajamento militante, estudadas em diferentes configurações sociais, estão relacionadas às

condições históricas existentes. Faz-se necessário destacar aqui o uso do conceito de domínio devido ao baixo grau de diferenciação entre as esferas sociais, cuja legitimação está justamente no intercruzamento de lógicas e recursos que são indistintamente políticos e culturais (IDEM, 2016, P. 34).

Portanto, os agentes situados em disputas pela produção de causas legítimas destacam-se pela aquisição de trunfos decorrentes de um capital simbólico muito mais personificado e estabelecendo relações sociais por circularem em diferentes domínios (multiposicionalidade), impondo representações sobre o mundo social (REIS E GRILL, 2016).

A atuação militante, neste sentido, como explicita Reis (2015), está indissociavelmente ligada ao reconhecimento intelectual, pois os *domínios* políticos e culturais são diacrônica e sincronicamente constituídos. Assim, tanto os agentes como as causas consideradas legítimas devem ser tomados, seguindo-se uma análise das dimensões onde eles estão inseridos, e os lugares onde estas causas são explicitadas: agentes que se posicionam como porta-vozes legítimos, que encontram em terrenos, como os jornais, um lugar de disseminação das definições sobre as realidades sociais. (REIS, 2015; LENOIR, 1998).

Em relação às produções escritas que dizem respeito ao trabalho político e intelectual de porta-vozes, tanto na realidade do Rio Grande do Sul como na Maranhense (que é a analisada por esta pesquisa), a análise de jornais foi imprescindível para entender as disputas políticas e culturais:

As interpretações de etiquetas e de biografias tramadas nas batalhas entre diferentes porta-vozes do mundo social encontram nos meios midiáticos terrenos propícios de transmissão, expansão e reinvenção. Conjuga-se a isso que, em lugares como os jornais, as tomadas de posição ganham vigor e visibilidade. Neles, combinações originais de registros são manipuladas e novas classificações são explicitadas. (GRILL & REIS, 2014)

No estudo sobre imbricações entre domínios políticos e intelectuais, tendo como recorte empírico o Estado do Maranhão, a baixa autonomia da produção jornalística é um terreno onde disputas de agentes são travadas, tendo em vista que "os critérios de excelência profissional" interdependem relativamente do "jogo orquestrado por empresas dominantes e multidimensionais... controladas por famílias estabelecidas" (GRILL & REIS, 2014).

A emergência de taxonomias, como “sarneysismo”, aparecem constantemente para dar sentido às estratégias e legitimação de porta-vozes, principalmente nas matérias em jornais “alternativos”, como se intitula o Jornal *Vias de Fato*.

Para compreender as construções de causas legítimas, tendo como terreno propício o Jornal *Vias de Fato*, a catalogação de matérias entre os anos de 2009 a 2015 foi realizada. Isto serviu como recorte temporal para observação das transformações ocorridas dentro dos debates do Jornal. Essa ação é justificada pela possibilidade de tratar a multidimensionalidade das lógicas (intersecção entre os domínios sociais) e pela multiposicionalidade dos agentes que configuram a lógica do Maranhão (captando, neste sentido, os contatos e vínculos, identificações e relações personalizadas).

Trata-se de imbricamentos de *domínios* políticos e culturais (REIS, 2015), assim como uma gama de trunfos, propriedades sociais e afirmações relativas a condição de porta-vozes legítimos (multinotabilidades). Elos específicos são criados entre agentes em configurações sociais que possuem grau de maleabilidade e plasticidade (ELIAS, 1999), por isso a análise de perfis sociais em diferentes domínios deságua em cadeias de relações:

[...] que estabilizam inimigos comuns (outros agentes, identidades, entidades ou entes supra-humanos), que prescrevem e orquestram ações, bem como que contribuem na formulação e transmissão de princípios de classificação do mundo social. (REIS, 2015)

Estas classificações do mundo social compreendem ação de agentes, no Maranhão, formados basicamente por estudantes, professores universitários, artistas e padres, que foram localizados por Reis (2015). Tudo feito por meio de exploração de material localizado sobre mobilizações e lideranças atuantes durante o regime militar, perfis de militantes e porta-vozes da "cultura" e da "política maranhense".

A pesquisa, portanto, com esta discussão sistemática das ciências sociais, pretende dar conta das produções de causas legítimas no Maranhão, tendo em vista a análise de matérias do Jornal *Vias de Fato*, que foi criado para ser um “ser um canal de expressão das demandas sociais do movimento social maranhense” e por ser um veículo de oposição ao governo do Estado. O Jornal, com edições mensais, é escrito por agentes que, em hipótese inicial, discutem sobre temas relacionados aos problemas sociais do Maranhão.

Levando em consideração as disputas faccionais específicas do Estado (GRILL, 2016), contextos históricos e as propriedades sociais dos agentes, esta pesquisa, por meio da exploração do material, demonstra uma recorrência das categorias "povo" e "popular", como alvos que estão em jogo na luta entre os intelectuais. Localizam-se como uma arma engendrada na consagração de porta-vozes intelectuais (muitas vezes, engajados em causas "legítimas") e de produção de representações sobre o mundo social em questão. Em relação aos usos destas categorias Bourdieu (2004, p. 181) afirma:

[...] O fato de estar ou de se sentir autorizado a falar do "povo" ou para o "povo" (no duplo sentido: para o "povo" e no lugar do "povo") pode constituir, por si só, uma força nas lutas internas dos diferentes campos, político, religioso, artístico, etc. - força tanto maior quanto menor for a autonomia do campo considerado, [...]

O uso de categorias como "povo" e "popular", no exemplo acima, é passível de análise, no trabalho sociológico, cuja predominância de disputas políticas estão vinculadas ao universo "intelectual". Estas categorias estão relacionadas a uma legitimidade reconhecida em um agente que exerce a qualidade de porta-voz autorizado a falar em nome das causas populares - o que, para Bourdieu, ocorre em campos menos autônomos (cujas definições dependem bem mais das exigências externas ao próprio campo).

Para o estudo de lógicas plasmadas, Lenoir e Bourdieu auxiliam metodologicamente quando apontam que "o sociólogo deve ater-se nas armas que utilizam [os agentes]" (LENOIR, 1998) e compreender que a autorização para falar do "povo" ou para o "povo" (BOURDIEU, 2004) acontece nas lutas entre domínios sociais.

Estes domínios, portanto, são objetos de estudo nas ciências sociais porque compreendem agentes, em posições ocupadas, que elaboram apresentação de si, administração de identidades estratégicas, teorizações narrativas acerca de regras, papéis e definições (GRILL, 2012; GRILL & REIS, 2014)

[...] as tomadas de posição em relação ao "povo" e ao "popular" dependem, na sua forma e conteúdo, dos interesses específicos ligados primeiro ao fato de se pertencer ao campo de produção cultural e em seguida à posição ocupada no interior desse campo. Para além de tudo o que os opõe, os especialistas pelo menos estão de acordo quanto a reivindicar o monopólio da competência legítima que os define como coisa particular e quanto a lembrar a fronteira que separa os profissionais e os leigos. [...] (BOURDIEU, 2004, p. 182)

Exemplar é, assim, o trabalho feito com a categoria "idade". Lenoir (1998, p. 71) mostra como a "velhice" - definida pelas relações de envelhecimento biológico e instituições interessadas em resolver seus "problemas" - pode atrapalhar a pesquisa sociológica, já que estes tipos de definições remetem a explicação de comportamentos por um dado "natural", ou seja, um princípio de construção de grupos sociais. Em contrapartida, o objeto de estudo da sociologia deve ser: analisar o processo mediante o qual se constitui e se institucionaliza, o que em determinado momento se constitui como tal (LENOIR, 1998, p. 71).

Lenoir alerta para a pesquisa sociológica feita de uma forma a desconstruir noções socialmente estabelecidas, pois todas elas variam segundo as épocas e as regiões e podem desaparecer à medida que os fenômenos que os designam subsistem (LENOIR, 1998, p. 61).

Apesar de a pesquisa se tratar das posições e oposições na construção e transmissão de causas legítimas, considerando como terreno de disputa o *Jornal Vias de Fato*, portanto uma configuração diferente da usada por Bourdieu (2004) em "Usos do 'povo'" (campo). Fez-se o uso deste esquema analítico para compreender os interesses específicos de agentes na imposição de "sentidos de existência de grupos, comunidades ou questões" e que, para isso, utilizam "recursos (objetivos e subjetivos) ... em consonância com as condições de manipulação de sistemas simbólicos (ideias, versões, concepções e classificações)" (REIS & GRILL, 2015).

As preocupações da pesquisa referem-se ao tratamento das matérias de forma quantitativa e qualitativa, com o objetivo de retirar informações consistentes e trabalhar de forma relacional e processual com os dados obtidos. Necessário, portanto, é desessencializar as tomadas de posição e categorias engendradas pelos porta-vozes que assinam as matérias, para entender a construção de causas consideradas "urgentes", como e porque se posicionam e as legitimam, sendo também legitimados e posicionados por elas.

Segue-se um diálogo constante com o trabalho da autora Eliana Reis, cuja preocupação inicial, ao iniciar sua análise sobre modelos de intervenção no Rio Grande do Sul (2012), assim como as pesquisas sobre perfis de Porta Vozes no Maranhão (2014), trata-se da

"[...] relevância das inserções inaugurais de certos agentes nas conjunturas e eventos decorridos, especialmente, entre o golpe militar de 1964 e o início do processo de redemocratização do Brasil, acreditando na possibilidade de compreender dinâmicas de reconfiguração dos critérios e formas de intervenção políticas em diferentes níveis e universos." (IDEM, 2014, P. 336)

Em relação às modalidades de intervenção política, a contestação seria uma das possibilidades de pesquisa, em momentos que criam "condições propícias e mais conjunturais à emergência de protestos coletivos (Idem, 2014) citando (Idem, 2008). Assim, agentes que se inserem na militância, a partir do estabelecimento de um inimigo comum, construindo elos de relações e identificações, em distintos *domínios sociais*, e formulando classificações sobre o mundo social são objeto de estudo desta presente pesquisa.

Pela exploração do material relacionado às lideranças no regime militar, o universo de agentes se diferencia de uma região para outra em diversos aspectos: origens sociais, capital político e cultural, inserção em grupos de militância, etc. No caso do Maranhão, a atuação da Igreja Católica foi visivelmente preponderante: uma relação de mobilização política em torno de uma "missão" religiosa; a Universidade foi um terreno propício para especialização militante, cujos examinados ocupam posições sociais dominadas.

Mobilizações ambientalistas foram engendradas contra a instalação de empresas como a Vale e a Alumar. A questão político-partidária é fracamente constituída, sem uma relevância tão contundente em relação a outras regiões do país. No que diz respeito às manifestações culturais, alguns grupos emergiram como o LABORARTE (Laboratório de expressões artísticas) e GRITA (Grupo Independente de Teatro Amador). (REIS, 2014):

"Os espaços e os agentes dos engajamentos mencionados se encontram associados em rede no que se costuma chamar, de forma bastante homogeneizante e reificada, de "movimentos sociais" ou "sociedade civil". Paradoxalmente, as "causas" são bastante personificadas, organizando discursos e práticas em torno de

personagens/protagonistas a serem heroicizados ou detratados, conforme o momento e a posição ocupada"

Esta análise de Eliana dos Reis demonstra o peso da "reputação pessoal" dentro dos engajamentos militantes no Maranhão o que também aparece preponderantemente na análise das matérias do jornal *Vias de Fato*, configurando uma lógica de disputa faccional (GRILL, 2008).

CAPÍTULO II: O JORNAL: AS FASES, QUEM SÃO OS AGENTES E AS MATÉRIAS.

1. O Jornal *Vias de Fato*

O jornal *Vias de Fato*, segundo um dos seus fundadores, “surgiu a partir de conversas sobre comunicação popular durante reuniões do Movimento Vale Protestar, geralmente realizadas em espaços públicos e bares”, e passou por três fases de existência. A primeira fase de publicações se deu em 2009, sendo financiado por um “patrocinador conhecido” com tiragem mensal e distribuição em algumas regiões do Estado. Pela falta de “liberdade dos redatores, a equipe decidiu produzir o jornal somente com a renda de assinaturas e o apoio de pequenas livrarias e outros colaboradores simpatizantes à causa” (César Teixeira, compositor maranhense e co-fundador, em entrevista).

Questionado sobre quem eram os colaboradores e as funções que exerciam, Emílio Azevedo, jornalista e co-fundador do jornal relatou: “No *Vias de Fato*, Altemar e Alice [colaboradores do jornal] tinham funções administrativas, políticas, operacionais e também de agitação e propaganda, inclusive junto a nossos perfis em redes sociais”. Houve o lançamento do jornal que foi feito no prédio da UFMA, que fica na Praça Gonçalves Dias. “Outro fato destacável foi a criação, em junho de 2010, de uma página na internet que replicava as edições impressas e abria espaço para novas informações”. (César Teixeira em entrevista)

Essa primeira fase deu-se após a queda de Jackson Lado (PDT), do governo do Maranhão, momento em que se observa uma grande quantidade de matérias discutindo o Governo de Roseana Sarney. O jornal objetivava exatamente fazer essa oposição ao momento de representação política no Estado, já que na própria edição inicial, em outubro de 2009, apontava, em seu manifesto – o qual será analisado mais minuciosamente nos capítulos que se seguem – combater o sarneysismo. Após a fundação e a distribuição, chegaram outros colaboradores (além dos quatro fundadores), e o “afastamento de Cesar Teixeira da rotina do jornal, em 2012, em razão da incompatibilidade das tarefas do jornal com seus outros compromissos” (Entrevista com Emílio Azevedo).

Como segunda fase do jornal é necessário alinhá-la ao momento que Flávio Dino torna-se Governador do Maranhão (marcando a saída do “grupo Sarney” do

poder, segundo o jargão nativo¹). Todavia, mesmo com a saída de Roseana Sarney – o que, para muitos setores de oposição ao Governo do Estado, poderia ser considerada uma vitória e, talvez, um apoio por parte de ambientes como o jornal *Vias de Fato* – continua-se uma crítica, nas matérias do Jornal, ao então governador eleito, pontuado negativamente pelos próprios fundadores do jornal. A terceira fase foi a continuação do jornal em um formato mais digital e apoiando a Agência Tambor, no ano de 2017, cujo momento já não se insere no recorte deste trabalho.

1.1. Características estruturais do Jornal

Assim, o jornal *Vias de Fato* (JVF) é um periódico mensal constituído de 12 páginas e vendido na cidade de São Luís – MA, que teve sua primeira edição publicada em outubro de 2009, com a intenção de ser uma “comunicação alternativa”, segundo seu manifesto impresso na primeira edição do ano de 2009. O jornal é apresentado como um meio de comunicação projetado para falar de temas que envolvem política, cultura e meio ambiente; ele ainda declara a poio aos movimentos sociais, organizações de caráter “popular” e volta-se para os interesses de estudantes e pessoas envolvidas no ambiente universitário.

Valores ligados ao altruísmo e à iniciativa - desinteressada acerca do benefício privado/particular - de comunicar à população sobre situações políticas que são vivenciadas no Estado foram encontradas neste manifesto (edição 1, página 3, ano 2009).Tendo em vista as categorias utilizadas no próprio jornal, seus fundadores o afirmam como um espaço voltado “a ouvir e interagir com os setores inconformados e abrindo espaço para os que querem colaborar com sua crítica” e que está “ao lado das forças da sociedade que lutam por democracia, cidadania, dignidade em defesa dos direitos humanos, da reforma agrária e da preservação do planeta” (edição 1, página 3, ano 2009).

Foram catalogadas as matérias (somente as assinadas) do jornal que vão do ano de 2009 até o ano de 2015, com o objetivo de detectar as principais temáticas discutidas e os porta-vozes que escrevem para o Jornal.

¹ Vale mencionar que a candidatura de Dino se apoiou, além de outras coisas, na oposição que fez ao outro candidato que era apoiado pela “Família Sarney”, Edison Lobão Filho, e venceu a eleição em 2014.

As informações iniciais – em relação aos agentes que fazem o jornal "circular" no Maranhão – foram retiradas da primeira edição. César Teixeira e Emílio Azevedo são os coordenadores editoriais. O primeiro é cantor e compositor maranhense, que também faz a maioria das caricaturas para o jornal, e o segundo é jornalista (informação encontrada na página 12 da edição 16, do ano de 2011 do jornal).

Ambos estão entre os agentes que mais assinam para o jornal (o primeiro agente com 15 matérias assinadas e o segundo agente com 11 matérias assinadas). Altemar Moraes ocupa a coordenação de agitação e propaganda do JVF, e Alice Pires atua na coordenação de relações institucionais do periódico. Ambos escrevem matérias no jornal, mas com pouca frequência (o primeiro agente com 1 matéria assinada, e a segunda com 5 matérias assinadas), entre os sete anos examinados.

O primeiro esforço em analisar o material para esta pesquisa (57 edições do Jornal dos anos de 2009 a 2015) foi a catalogação das matérias, sistematizando as informações retiradas (clippings) em: autor, informações de rodapé, título da matéria, edição, número da página, editorias, data e conteúdo específico da matéria. Após esta catalogação, seguiu-se a análise quantitativa acerca das matérias e dos agentes. Ao todo foram quantificadas 292 matérias, distribuídas em 57 edições e assinadas por 165 agentes.

O segundo passo foi classificar os 165 agentes de acordo com a quantidade de matérias que escreveram, obtendo-se um percentual demonstrativo. o JVF possui uma pequena quantidade de agentes que escreveram mais do que cinco matérias (representando 7,27% do total de matérias) e 12 agentes, dentre os 165, escreveram com alguma frequência para o jornal. Em contrapartida, mais de 66% dos agentes que assinam escreveram apenas uma matéria, entre os sete anos catalogados.

1. QUANTIDADE DE AGENTES POR NÚMERO DE MATÉRIAS

Quantidade De matérias	Quantidade de agentes que Escreveram	Porcentagem Pelo total (165)
01	109	66.06%
02	33	20%
03	09	5.45%
04	02	1.21%
05	02	1.21%
06	02	1.21%
07	01	0.60%
08	01	0.60%
09	01	0.60%
10 ou mais	05	3.03%

Fonte: Jornal Vias de Fato

Devido à grande incidência de agentes escrevendo apenas uma a quatro matérias dentro dos sete anos catalogados, partiu-se para uma análise do perfil geral desses agentes, buscando caracterizações mais específicas: em quais editorias frequentemente publicaram seus posicionamentos, e, por meio das informações retiradas do próprio Jornal (no qual é mostrada uma preocupação em apresentar pequenas notas de rodapé contendo titulações, cargos ocupados, profissões, ocupações, etc. dos agentes que assinaram as matérias), quais eram suas ocupações nos âmbitos profissionais/de militância/engajamento político, etc. Observamos que dos 165 agentes, apenas 19 não possuíam notas de rodapé com informações sobre ocupações ou títulos, ou seja, mais de 88% dos agentes apresentavam atributos "pessoais" e/ou "profissionais" nos rodapés das editorias do jornal.

A organização das informações nos quadros do apêndice mostrou que mais de 50% dos agentes têm alguma formação acadêmica, com preponderância para cursos na área de ciências humanas e sociais, sendo que a maioria deles é diplomada por universidades públicas federais e/ou estaduais (dentro destes 50%, 23% apresentam a profissão de professor – universitário e de instituições do sistema público de ensino). Foi também detectado que uma outra boa parte dos agentes (20%) se apresenta como membro ou ativista em movimentos sociais, redes, fóruns, associações e comissões. Estudantes universitários e membros de centros e/ou

grupos de estudos em universidades federais e estaduais chegam a ocupar um percentual igualmente relevante: 25%.

Em contrapartida, os menores percentuais estão em universos diferentes dos domínios universitários, no entanto, são agentes com ocupações/cargos/profissões de domínios muito próximos a esse: um pouco mais de 7% dos agentes apresentam-se como advogados ou promotores, que em sua maioria estão ligados a comissão de Direitos Humanos da OAB, e posicionam-se a favor, nas matérias e entrevistas que assinam, de causas similares aos dos ativistas e militantes de movimentos sociais e professores universitários.

Agentes que se apresentam como ocupantes ou detentores de cargos/títulos religiosos, jornalistas, funcionários públicos, membros de sindicatos, ou com alguma ocupação/habilidade "cultural" (poeta, escritor, músico, cineasta, etc.), possuem porcentagens praticamente idênticas: um pouco mais de 6% para cada classificação descrita. A última classificação feita foi em relação a agentes que possuem cargos políticos (deputados, em sua maioria) ou que foram candidatos a eleições municipais e/ou estaduais, uma média de 3,5%.

2. OCUPAÇÕES DOS AGENTES PELO TOTAL (165)

Ocupação	Ocupação dos Agentes pelo total (165)	%
Apresenta profissão e/ou formação acadêmica	47	28,48%
Professor	39	23,63%
Membro ou ativista em Movimentos sociais/redes/ Fóruns/ associações/comissões	33	20%
Estudante universitário	25	15,15%
Não apresenta informação	19	11,51%
Membro de centros e/ou grupos de estudos	17	10,30%
Advogado/promotor/juiz	12	7,27%
Título/cargo religioso	11	6,66%
Jornalista	11	6,66%
Apresenta atividade "cultural" (poeta/escritor/ Músico/cineasta/etc.)	11	6,66%
Funcionário/servidor Público	10	6,06%
Membro de sindicato	10	6,06%
Candidatos e/ou políticos	6	3,63%
Outras ocupações	4	2,42%

Fonte: Jornal Vias de Fato

É importante ressaltar que estas classificações, em sua maioria, não são apresentadas de forma isolada por agente, ou seja, um mesmo agente ocupa cargos e acumula títulos variados. Como exemplo, podemos citar o caso de Lyndon de Araújo Santos, que escreveu duas matérias para o JVF, entre os anos de 2009 e 2015, nas quais as notas de rodapé indicam as seguintes ocupações/títulos: Pastor da Igreja Evangélica Congregacional de São Luís, Membro do Movimento Evangélico Pela Justiça, Professor Doutor do Departamento de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Maranhão e Coordenador do Grupo de Pesquisa História e Religião (informações retiradas de: página 3, edição 6 de Março/2010 e página 7, edição 37 de Novembro/2012 do Jornal *Vias de Fato*).

Observar as propriedades sociais destes agentes é essencial para entender quais os atributos, ocupações, títulos, cargos, etc. possuem e, conseqüentemente, como defendem ideias/versões/causas etc., quais trunfos ou habilidades mobilizam, o que pode, neste trabalho, indicar a legitimidade que eles alcançam e como esta legitimidade é constituída nos variados domínios do contexto maranhense, a partir de seus posicionamentos nas matérias.

O fato de serem agentes com múltiplas propriedades sociais, ocupando cargos diferenciados, notabilizados por diversos trunfos/títulos e oriundos de segmentos sociais díspares leva a atenção para as diferentes clivagens sociais das quais estes participam (GRILL, 2013), e, por meio das matérias sistematizadas e analisadas, percebe-se como estes agentes se posicionam a favor ou contra o que consideram "problemas sociais", causas que consideram "justas" ou "injustas".

Aproximações que são feitas por meio de menções do nome de outros agentes nas matérias e artigos do periódico, respostas que são dadas, em diferentes momentos, referenciando matérias publicadas anteriormente por outros agentes, enfim, estratégias – no sentido de ações condicionadas socialmente (BOURDIEU, 1994) – que são estabelecidas nas interações, competições e expectativas dos indivíduos quando escrevem no jornal.

Apesar da presença de mulheres escrevendo no JVF ser menos frequente (como se observa no quadro abaixo), há casos que importam ser analisados. Entre aquelas que mais escreveram para o jornal, Alice Pires e Marivânia Moura são representativas das inserções de mulheres nesse meio (a análise destes casos será apresentada de maneira mais extensa em um tópico subsequente).

3. RECORTE DE GÊNERO E PROFISSIONAL DOS AGENTES.

Ocupação (total)	Homem (%)	Mulher (%)
Apresenta profissão e/ou formação acadêmica (47)	35 (74,4%)	12 (25,5%)
Professor (39)	26 (66,6%)	13 (33,3%)
Membro ou ativista em movimentos sociais/redes/fóruns/associações/comissões (33)	25 (75,7%)	8 (24,2%)
Estudante universitário (25)	12 (48%)	13 (52%)
Membro de centros e/ou grupos de estudos (17)	9 (52,9%)	8 (47%)
Advogado/promotor/juiz (12)	9 (75%)	3 (25%)
Título/cargo religioso (11)	9 (81,8%)	2 (18,1%)
Jornalista (11)	9 (81,8%)	2 (18,1%)
Funcionário/servidor público (10)	9 (90%)	1 (10%)
Apresenta atividade “cultural” (poeta/escritor/músico/cineasta/etc.) (11)	10 (90,9%)	1 (9%)
Membro de sindicato (10)	10 (100%)	0%
Candidatos e/ou políticos (6)	6 (100%)	0%

Fonte: Jornal Vias de Fato

4. PRESENÇA FEMININA E SUAS OCUPAÇÕES

Ocupação das mulheres (total 47)	(%)
Estudante universitária	13 (28%)
Professora	13 (28%)
Apresenta profissão e/ou formação acadêmica	12 (26%)
Membro ou ativista em movimentos sociais/ redes/ fóruns/ associações/ comissões	8 (17%)
Membro de centros e/ou grupos de estudos	8 (17%)
Advogada/promotora/juíza	3 (6%)
Título/cargo religioso	2 (13%)
Jornalista	2 (13%)
Funcionária/servidora pública	1 (2%)
Apresenta atividade “cultural” (poetisa/escritora/musicista/cineasta/etc.)	1 (2%)
Membro de sindicato	0%
Candidata e/ou tem cargo político	0%

Fonte: Jornal Vias de Fato

1.2 Temáticas e editorias como causas legítimas

As 292 matérias catalogadas entre os anos de 2009 e 2015 também foram tratadas no sentido de localizar as temáticas mais abordadas pelos agentes no *Jornal Vias de Fato*. As classificações foram feitas tomando-se as editorias do periódico. Foram encontradas um total de 16 editorias com as seguintes nomenclaturas: “Meio Ambiente”, “Cultura”, “Economia e Sociedade”, “Opinião”, “Direitos Humanos”, “Atualidade”, “Entrevista”, “Informe”, “Especial”, “Política”, “Polícia”, “Movimento Social”, “Educação”, “Geral”, “Sociedade Civil e Judiciário”.

Os dados obtidos em relação a essas 16 editorias mostram que os agentes que escreveram, em geral, direcionaram suas defesas e/ou críticas para as editorias de “Opinião” (66 matérias, representando aproximadamente 22% do total), “Atualidade” (57 matérias, representando aproximadamente 19%), “Entrevista” (55 matérias – 18% aproximadamente) e “Cultura” (49 matérias – 16% aproximadamente).

As editorias com incidência moderada de agentes estavam relacionadas a “Especial” (15 matérias ≈ 5%), “Direitos Humanos” e “Política” (cada um com 13 matérias ≈ 4,4%) e “Informe” (12 matérias ≈ 4,1%). “Meio ambiente”, “Polícia”, “Economia e Sociedade”, “Movimento Social”, “Educação”, “Geral”, “Sociedade Civil e Judiciário” tiveram, em ordem decrescente de acordo com a sequência do texto, um percentual abaixo de 1,5% cada. São editorias bem específicas, pois apareceram de forma pontual no periódico, como a editoria de “Meio Ambiente”, por exemplo que apareceu quatro vezes, apenas no ano de 2011, e não teve recorrência em outros anos do Jornal.

Uma observação mais específica sobre as categorias/temáticas abordadas no jornal é em relação à recorrência que aparecem a cada ano. As editorias com maior percentual de matérias são as que podemos chamar de “fixas”, pois aparecem em todas as edições do jornal, com raríssimas exceções (quando o JVF fez algumas edições especiais voltadas ao período de eleições, por exemplo, onde quase todas as páginas do jornal foram preenchidas pelas “propostas” dos candidatos ao Governo do Maranhão, no ano de 2010).

A grande quantidade de agentes assinando em matérias sobre “Opinião”, “Cultura”, “Atualidade” e “Entrevista”, demonstra uma forte intenção de estabelecer discussões e posicionamentos em relação ao que está acontecendo no “momento” e, também, por serem rótulos abrangentes, contemplam assuntos e autores/as diversificados; a ausência de especificidade no encaixe das matérias às editorias mostra um caráter geral destas e, assim, a presença de lógicas e porta-vozes muito plurais, autorizados a se posicionar sobre elas.

A editoria de “Cultura” apresenta características mais específicas: informações acerca de lançamento de discos (na maioria das vezes de artistas maranhenses), shows, principalmente nos teatros e casas de festa do centro de São Luís, programação de filmes e documentários em cinemas da cidade (Odylo Costa Filho e Cine Lume, majoritariamente), etc. O blogueiro Zema Ribeiro é quem mais

escreve para esta página considerada “fixa” (Cultura) do Jornal. Das 49 matérias desta editoria, 28 foram assinadas por ele. uma quantidade bem acima da metade. Zema também está alocado entre os doze que mais escrevem para o JVF (é autor de 37 matérias entre os anos de 2009 e 2015).

Outra editoria “fixa” (“Atualidade”) apresentou algumas regularidades relacionadas aos autores que publicaram textos nesse espaço. Seguindo o perfil da editoria de “Cultura”, eles, em sua maioria, são os mesmos que estão alocados nos quadros dos agentes (12) que escreveram mais de cinco matérias . Dentre eles estão: Flávio Reis e César Teixeira, Emílio Azevedo, Horácio Antunes e Igor de Sousa. As editorias de “Opinião” e de “Entrevista” apresentam-se com características mais heterogêneas em relação à frequência de agentes que as assinam, isto é, trata-se de uma editoria na qual há uma grande variedade de agentes e temáticas que vão estar presentes no teor das matérias publicadas dentro destas duas editorias.

Os dados que explicitam as principais temáticas que os agentes se preocupam em discutir mostram que a maior parte das matérias estão voltadas às definições e críticas acerca da política no Brasil (95 matérias), com foco nos embates políticos do Maranhão relacionados à oposição que os porta vozes chamam de "oligarquia" e "sarneysismo" (GRILL, 2012); denúncia da falta ou precária gestão de políticas públicas (64 matérias); também um grande número de matérias relacionados a "cultura" (60 matérias), onde pode-se observar uma grande preocupação em falar sobre os movimentos artísticos, personagens da cultura e produtos culturais (CDs, DVDs, livros, documentários e filmes produzidos por artistas e produtores locais), etc.

Os assuntos menos discutidos no jornal, mas que ainda aparecem, mesmo que em pequena quantidade, demonstram algum interesse dos porta-vozes ligado às classificações "economia", "educação", "polícia", "conflitos de terra".

Vale ressaltar que quase todas as matérias classificadas nas tabelas acima descritas foram quantificadas em mais de uma classificação, ou seja, as disputas por definições acerca de "problemas" e "causas" consideradas legítimas pelos porta-vozes são plasmadas e com fronteiras pouco definidas, já que, ao mesmo tempo em que estão debatendo, por exemplo, sobre políticas públicas, também inferem opiniões, questões e posicionamentos sobre "política", "cultura", problemas ambientais, etc.

CAPÍTULO III: OS PORTA-VOZES E SEUS POSICIONAMENTOS

O jornal *Vias de Fato*, intitulando-se como “meio de comunicação alternativo” (edição1, página 03, out de 2009) foi analisado seguindo orientações das ferramentas metodológicas e das leituras de material bibliográfico relacionado à atuação de “intelectuais” e engajamento militante, tendo como referência os estudos feitos por Eliana Reis (2015 e 2016) nos contextos maranhense e gaúcho. Iniciou-se o processo de caracterizações mais específicas dos porta-vozes, pondo a sua incidência na produção de matérias e, posteriormente, a catalogação das suas propriedades sociais – por meio do próprio Jornal *Vias de Fato* e por algumas entrevistas – como fatores importantes para análise das suas produções.

Em relação às disputas operadas pelos agentes que escreveram para o Jornal *Vias de Fato* entre os anos de 2009 e 2015, a pesquisa aponta para uma configuração onde os porta-vozes e o próprio jornal continuamente recorrem a uma apresentação “de si”, o que pode indicar, inicialmente, a construção das causas, defendidas no JVF, organizadas em torno de discursos com caráter mais pessoalizado – no que diz respeito a mobilização de “saberes”, “posições”, até mesmo relações de “amizade” e “afinidade” etc. como fator de legitimação, mas que se dirigem a assuntos de cunho bastante “gerais”, indicando o amálgama nos domínios sociais. É notória, portanto, pelo tratamento das matérias e da análise dos quadros, uma grande quantidade de agentes que reivindicam seus atributos e “qualificações” dentro da universidade como forma de legitimação pessoal para falar em nome de causas diversas.

De um total de 292 matérias, têm-se um destaque para os “artigos de opinião” (66 matérias), “editoriais de atualidade” (57) e “entrevista” (55). Os principais temas estão relacionados à uma contínua crítica às ações governamentais (95), denúncia na gestão de políticas públicas (64) e cultura (60). Enfatiza-se aqui o fato de que as matérias não contemplam apenas um tema específico e abarcam uma quantidade expressiva de agentes que reivindicam especialidades para falar em nome de várias classificações. O que permite perceber os imbricamentos entre discursos, principalmente, nas formulações sobre “política” e “cultura”.

Além disso, uma gama de agentes, das mais diferentes ocupações, que se expressam sobre causas similares, utilizando seus trunfos, especializações e trajetórias como forma de legitimar seus posicionamentos. O que será mais

profundamente analisado a seguir nos casos dos agentes César Teixeira, Horácio Antunes, Alice Pires, etc. pelo fato de terem produzido constantemente para o JVF.

Somado ao fato de mobilizarem suas ocupações na universidade, em cargos religiosos, em grupos de estudo, em movimentos sociais; por trazerem aos seus artigos/matérias o conhecimento “acadêmico”, “religioso”, as trajetórias e afinidades com ideologias políticas, levantarem a defesa de “bandeiras” pela “educação”, pelo “meio ambiente”, pela “cultura” – de maneira amalgamada, imbricada; além de, em entrevistas, fazerem menção à relação de amizade e proximidade entre si; dessa forma, são casos exemplares dos posicionamentos na definição de causas “legítimas”.

Os porta-vozes foram classificados, nesta pesquisa, a partir, primeiramente, do referencial teórico e das proximidades ocupacionais – o que ficou notório nas notas de rodapé e na própria construção dos seus textos, como, por exemplo, o constante uso de referências bibliográficas das ciências humanas: criou-se, assim, a categoria “professores/pesquisadores”.

Outra chamada “donos do jornal” foi constituída pela posição dos agentes como aqueles que “conceberam” o jornal, já as “versões”, “motivações”, “ideais” que estão circunscritos no posicionamento deles, nas matérias e entrevistas, elucidaram, ainda que não profundamente – pelos limites do trabalho, a compreensão da “faccionalidade” do ambiente jornalístico no Maranhão e, também, a disposição do jornal em detrimento da oposição que faz aos outros jornais do Estado.

“O lugar das mulheres” é outra categoria importante para análise dos perfis, já que estão, quantitativamente em minoria em todo o conjunto de agentes que escreveram para o jornal e prosseguem assim, também, no recorte feito dos agentes que mais escreveram para o JVF. Empreender um aprofundamento acerca das suas condições de porta-vozes foi necessário para estabelecer um recorte de gênero neste trabalho. Além destas, outras categorizações foram feitas, cujas justificativas estão presentes durante a análise que se segue.

Assim, os esforços foram, de uma maneira mais qualitativa, propor uma divisão a nível apenas de organização, no sentido de delimitar alguns agentes que chamaram atenção ao longo da catalogação das matérias. A quantidade de matérias escritas ou a raridade (como no caso dos parlamentares e das mulheres), assim como o conteúdo dos textos que foram publicados pelo jornal, foram critérios que

permitiram indicar níveis de imbricamentos entre domínios e as informações biográficas privilegiadas nas notas de rodapé.

Assim como, a partir da análise de entrevistas e dos artigos publicados, podemos apreender as identificações ideológicas e de perfis entre os agentes e o jornal, a existências de vínculos entre os agentes a partir desse espaço, a defesa de causas mais visíveis por parte destes, bem como a relação com o contexto político, cultural e histórico do estado do Maranhão, sejam eles a dimensão educativa, o ambientalismo, a religião e a cultura, basicamente.

1.1 A presença de Parlamentares

Dentre os referenciais teóricos que embasam este trabalho, destaca-se, mais precisamente, a pesquisa de Eliana Reis (2014) e a dimensão comparativa entre o caso gaúcho e maranhense, cujas diferenças entre engajamentos políticos e militantes apresentaram-se claras, especialmente em momentos de mudanças sociais intensas. Trazendo este referencial, objetivou-se visualizar a presença de parlamentares no JVF como agentes.

As ocupações dos porta-vozes de questões legítimas no Maranhão foram localizadas nas próprias notas de rodapé do JVF. A partir das informações reunidas, observamos a fraca inserção de parlamentares. De um total de 165 agentes, apenas 3,63% possuía alguma candidatura em vista ou já ocupara cargo político eletivo: Haroldo Sabóia (candidato do Partido Socialismo e Liberdade à prefeitura em 2012); Bira do Pindaré (Deputado Estadual pelo Partido dos Trabalhadores, reeleito em 2014); Josivaldo Correa (do Partido Comunista Brasileiro), Jackson Lago (do Partido Democrático Trabalhista, já falecido), Marco Silva (do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado) e Saulo Arcangeli (do Partido Socialismo e Liberdade).

Eles aparecem em edição especial no ano de 2010, fornecendo entrevistas para falar apenas sobre suas candidaturas ao Governo do Estado do Maranhão. Nesse caso, priorizaram como temas de posicionamentos as suas próprias trajetórias e ideologias políticas (de forma bastante pessoalizada). E, de um modo geral, exibindo seus percursos de luta para justificar o ataque ao governo vigente no ano em que se candidataram.

Como caso exemplar, em entrevista ao *Vias de Fato*, Bira do Pindaré, então deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores (PT), quando questionado acerca

da situação dos trabalhadores rurais no Maranhão, defende solucionar a questão fundiária dando “posse de terras às comunidades”, e fala em termos de desenvolvimento no Maranhão relacionado à defesa da questão fundiária, definindo-a como “uma questão básica que humaniza toda sociedade”, opondo-se às situações de pistolagem que ocorrem nas áreas rurais do Estado, o deputado afirma que a “volta da pistolagem ameaça as comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas e todos os que lutam pela mudança da realidade do Estado do Maranhão”. (edição 23, agosto de 2011, página 4, editoria: política).

O Deputado, na sua trajetória, começou sua jornada política na Pastoral da Juventude da Igreja Católica. Esta instituição possui um peso na história dos movimentos sociais em favor da luta pela terra no Estado do Maranhão. Reis (2014) aponta que, apesar das ações católicas terem um caráter conservador inicial; a partir da década de 1960 – por meio dos jovens inseridos – passaram a dar ênfase em contestar o “sistema capitalista”, em detrimento de uma sociedade mais “ justa” e “cristã”.

Com vários desdobramentos históricos, a autora demonstra uma relação entre catolicismo e marxismo - que levou muitos a se engajarem em lutas sociais, que passaram a configurar uma “missão” no sentido religioso e político. Bira do Pindaré, inserido na Pastoral da Juventude e, ao mesmo tempo, no contexto da Universidade Federal do Maranhão (ele foi presidente do diretório central dos estudantes da UFMA), representa essas vinculações entre ambiente universitário, catolicismo e política.

As defesas em relação ao desenvolvimento no Maranhão, assim como a definição de causas consideradas “legítimas” para os temas centrais dentro do Jornal *Vias de Fato*, movimentam-se em torno da oposição às ações da gestão pública, assim como das afirmações que o Estado do Maranhão é dominado por uma “oligarquia”, como encontradas na pesquisa o uso de taxonomias como “sarneysismo”, as “questões regionais”, assim, podem ser inicialmente definidas pelo posicionamento de agentes, no Jornal *Vias de Fato*, em favor das “classes mais baixas”, “cultura maranhense”, ao mesmo tempo em que denunciam ações da gestão pública e das empresas de agronegócio, envolvidas com o “desenvolvimento capitalista” (ver Apêndice).

1.2 Os “donos” do jornal

Através da coleta do material das edições do jornal, que foram fornecidos por um integrante da equipe de organização, o senhor Altemar Moraes, foi possível identificar os “criadores” do jornal, ou seja, aqueles que pensaram e conceberam sua logística, Emílio Azevedo e César Teixeira. No que diz respeito ao funcionamento, impressão e cooptação de apoiadores para tornar real o projeto do periódico, eles se empenharam para fazer o jornal “rodar”. É sobre estes que se iniciará a discussão mais qualitativa deste presente trabalho.

1.2.1 Emílio Azevedo : jornalismo “naturalmente militante”.

Formado em Comunicação Social na UFMA. Especializações: Comunicação (UFMA/USP) e Políticas Públicas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Jornalista, Escritor, organizador/fundador do Jornal Vias de Fato e Agência tambor. Emilio começou sua carreira na imprensa diária, no início da década de 1990. Trabalhou primeiro no extinto Jornal de Hoje, onde ficou por três anos. Depois foi para o Jornal Pequeno, onde ficou outros três anos. Já na década de 2000, Emilio colaborou com o *Jornal Brasil de Fato*, de circulação nacional, editado em São Paulo, ligado a movimentos sociais, entre eles O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Em 2003, Emilio colaborou com a TV Cidade, numa função de conselheiro editorial. Foi assessor parlamentar do deputado estadual de oposição Anderson Lago. Nesse trabalho, Emilio idealizou e foi editor do jornal alternativo A Luta.

Em 2007, o jornalista tornou-se subchefe da Casa Civil na gestão de Jackson Lago no governo estado (afastado em 2009, a partir de uma ação na Justiça Eleitoral definida por muitos como “golpe pela via judiciária”). Em 2004, Emílio foi candidato a vereador de São Luís pelo PCB. Em 2019, ano da primeira edição do *Jornal Vias de Fato*, ele publica a matéria “A Madre Superiora ainda quer o Convento”, cujo teor discutia o uso do Convento das Mercês – patrimônio da cidade de São Luís – pela Família Sarney. A crítica foi, especificamente, sobre a indistinção do público e privado no que se refere ao monopólio de um espaço público para garantia dos interesses políticos de José Sarney, ex-presidente brasileiro, e sua família, o que faz alusão à primeira edição do jornal, onde Emílio se posiciona contra as estruturas oligárquicas presentes no estado do Maranhão.

Emílio Azevedo é um agente que está entre os domínios jornalísticos, militantes, acadêmicos e políticos, à medida que se propõe a discutir e criticar a situação política do estado do Maranhão a partir dos trunfos adquiridos pela experiência jornalística e até tentar, como aconteceu novamente em 2020, se lançar na ocupação de cargos eletivos. Segundo sua entrevista, pelo interesse em se utilizar da comunicação institucional como “espaço democrático” que, para ele, deve ser “a favor dos Direitos Humanos, da cultura, da Educação”, etc.

Ainda de acordo com a entrevista, Emilio foi atraído pelo desejo de fazer oposição ao grupo Sarney desde que começou a carreira jornalística, relacionando esse interesse com o contexto em que vivia – em perspectiva política – de falta de liberdade de expressão. A militância seria, então, uma influência do ambiente universitário e das leituras de autores como Paulo Freire, Leonardo Boff e Frei Betto.

As referências aos autores, feitas por Emílio, vão na direção do que já analisou Eliana Reis (2014) acerca da influência que a Teologia da Libertação teve sobre os engajamentos políticos no contexto Maranhense, desde 1950⁴ e a importância da dimensão religiosa, de distintas matrizes, para os militantes e intelectuais maranhenses.

As relações entre religião e as mobilizações, no Maranhão, são, portanto, elucidativas quanto aos amálgamas dessas conjunturas, o que pode ser ainda mais corroborado com o caso do parlamentar Bira do Pindaré, que, como vimos no item anterior, se observa na maneira como constrói o discurso sobre a sua trajetória, a referência de ter começado sua jornada política na pastoral da Juventude da Igreja Católica⁵ e também é mais ou menos evidente nos casos de professores universitários.

Observamos o acionamento do conhecimento acadêmico e literário como trunfo da ação jornalística do agente; na qual há a uma certa naturalização do interesse pelas situações políticas do país que irá se expressar a partir da análise da conjuntura regional. O fato de ter nascido em uma família de classe média e mencionar ter viajado a Cuba também corroboraria a disposição para a defesa de interesses políticos e sociais do agente, à medida que este mobiliza uma crença em

⁴ [...] uma série de eclesiásticos [...] começou a se deslocar para localidades consideradas como alvos para sua intervenção, para evangelização traçada na “opção preferencial pelos pobres”. Nesses cenários, como é o caso do Maranhão, clérigos se envolveram em diversas questões compatíveis com os princípios de seu engajamento religioso e político [...] (REIS, 2014. P. 351.)

⁵ <http://psb40.org.br/filiados/bira-do-pindare/>

uma sociedade que abra espaço para “Participação Popular”, enraizada no acesso à literatura, aproximada das ideologias de “esquerda”.

Os amálgamas entre educação, militância e política são nítidos tanto na entrevista fornecida por Emílio, quanto nos títulos das matérias e no teor dos conteúdos nelas desenvolvidos. A posição de fundador do JVF é mencionada quando o agente explicita o interesse de se utilizar da comunicação não apenas com interesse informativo, mas também político e ideológico; o que corrobora com a compreensão da intencionalidade do Jornal no contexto político do Maranhão: a caracterização que Emílio chama de “perspectiva jornalística naturalmente militante”.

Emílio retoma a sua história pessoal de fundação de jornais desde a década de 1990, cujo objetivo era fazer, à época, oposição ao governo de Roseana Sarney, sendo a motivação especificamente política. Segundo o agente, isto foi adicionado à aproximação posterior com César Teixeira (poeta, compositor e jornalista maranhense) na criação do jornal *Vias de Fato*, no ano de 2009.

As relações de vínculos são tomadas pelo agente como “relações de amizade” com a maior parte dos indivíduos que escreveram para o jornal, os citados por ele: Igor de Sousa, Flávio Reis, Zema Ribeiro, Clarianne Natali, Cláudio Castro e Elmo Cordeiro; além dos fundadores Altemar, César Teixeira e Alice Pires.

Aprofundando o percurso descrito pelo agente e relacionando-o com o teor das matérias por ele assinadas, observa-se, durante todos os anos do recorte deste trabalho, a persistência das mesmas temáticas “atuação da família Sarney na política do Brasil e do Maranhão” (página 12, Junho, 2010, edição 9), em que é feita uma crítica à instalação da refinaria da Petrobras a partir das alianças políticas entre Lula e família Sarney; críticas ao sistema carcerário do país e a impunidade em relação aos “políticos corruptos” residentes no estado (página 12, Setembro, 2011, edição 24). Além disso, o jornalista ainda discute situações ligadas à resistência dos povos no Maranhão em consonância com atuação política da família Sarney (página 12, Janeiro, 2011, edição 16).

Emílio Azevedo talvez seja o agente que mais escreveu sobre diferentes assuntos, indo desde a situação política do país e do estado até a análise sobre o contexto futebolístico no Maranhão, como exemplo, a matéria: “Sampaio Corrêa! O desafio de um fenômeno no futebol brasileiro” (atualidade, página 6, fevereiro, 2013, edição 40).

Dessa forma, a análise do caso de Emilio Azevedo, das suas inserções em domínios da militância política, da atividade jornalística e da utilização de suas habilidades de escritor, demonstram a ênfase em uma história pessoal narrada e vangloriada, do interesse particular em criar meios de comunicação alternativos e da relação aproximada com outros agentes que escreveram para o jornal *Vias de Fato*. Aqui a mobilização de trunfos pessoais, da biografia, as identificações político-ideológicas na elaboração de notícias, o acionamento das relações interpessoais e o uso de categorias e taxonomias dominantes é crucial para o posicionamento político no ambiente social, na defesa de causas legítimas (o que ainda será discutido de maneira mais aprofundada nas análises de outros agentes a seguir) e na sua afirmação como um porta-voz autorizado.

1.2.2 César Teixeira – música e jornalismo “de denúncia”

Nascido em São Luís, no dia 15 de abril de 1953, graduado em Comunicação Social (UFMA/Jornalismo). Participou da fundação do Laboratório de Expressões Artísticas (Laborarte), como coordenador do Departamento de Música, atuando ainda nas áreas de teatro e artes plásticas, no período de 1972 a 1975, foi editor de Cultura no Jornal O Imparcial, onde ingressou no final de 1985, ali permanecendo até 1988. Logo depois, foi selecionado pela Sociedade Maranhense de Direitos Humanos para o cargo de Assessor de Imprensa, no qual atuou de 1989 a 2003.

A primeira matéria publicada em Outubro de 2009, na editoria “Cultura”, foi escrita por César Teixeira, um dos fundadores do jornal *Vias de Fato*, sendo este poeta, compositor e jornalista. Com o título “O banquete execrável”, o texto iniciava com uma crítica ao governo do estado e explicitava a opinião do autor sobre as próximas eleições que iriam acontecer dentro do contexto maranhense.

César Teixeira possui uma biografia, resgatada através da entrevista: No LABORARTE⁷, o poeta era coordenador do departamento de música, além de atuar nas áreas de teatro e artes plásticas entre os anos de 1972 e 1975. Teixeira menciona sua participação como editor da página de cultura no jornal maranhense O

⁷ “O Laboratório de Expressões Artísticas (Laborarte) foi criado em 11 de outubro de 1972 [...] com o propósito de nutrir forças para engendrar a arte maranhense no seu tempo: a música, a dança, a literatura, as artes plásticas e, como argamassa, o teatro. [...] Práxis musical fulcrada nas manifestações populares, e quanto identidade cultural. [...] foram paridas linguagens pictóricas e artesanais próprias, cujos conceitos, reciclados, tornaram-se bastante úteis no métier cenográfico” (<http://www.guesaerrante.com.br/2005/11/30/Pagina305.htm>, Apud REIS, 2012, p.201)

Imparcial durante os anos de 1985 e 1988, adicionando a isso o fato de ter sido assessor de imprensa na Sociedade Maranhense de Direitos Humanos, cujo trabalho era elaborar documentos oficiais, fazer editoração de livros e copidescagem de revistas, cartilhas e outros impressos.

Na entrevista realizada, ficou muito nítida a relação entre as atividades musical e jornalística e o interesse militante de utilizá-las para expressar interesses político-ideológicos, que o agente chama de “ações de denúncia” tanto na Instância política eleitoral, como no caso da crítica ao regime militar. Essas ações estariam presentes, segundo o entrevistado, na produção de notícias, na sua posição de jornalista dentro da SMDH, na defesa dos povos que estavam sob condições de conflitos de terra, torturas e assassinatos, além da violência policial e carceragem.

Exercendo suas atividades culturais, César Teixeira conta ter estabelecido relação com representantes comunistas do estado, como Maria Aragão, e que apoiou campanhas políticas como a de Luís Vila Nova, um dos primeiros líderes do Partido dos Trabalhadores na década de 1980. Similarmente a Emilio Azevedo, ele enfatiza ter participado do movimento Vale Protestar contra a candidatura de Roseana Sarney, unindo produções teatrais em eventos públicos de protesto a chamada “oligarquia”, que comandaria o estado.

Dessa forma, não à toa, as suas participações em manifestações, candidaturas e produções culturais servem, quando este produz “notícias”, para estruturar a defesa de causas recorrentes no jornal *Vias de Fato*. Os títulos das matérias indicam essas defesas: críticas ao governo Sarney e à prisão indevida de líderes de Comunidades Quilombolas; além de fazer resgate de figuras da cultura popular como o sambista Cristóvão Colombo da Silva.

César Teixeira, portanto, estabelece conexões entre diferentes domínios do contexto maranhense ao mesmo tempo que, para fins de análise sociológica, define/defende a “cultura maranhense”, a partir dos posicionamentos políticos que ele considera legítimos e do alinhamento político-ideológico expresso no jornal e na entrevista. Segundo o entrevistado, seria a “crença” pessoal em determinados valores e o interesse de expressar isso para a sociedade que teria desaguado na criação do jornal *Vias de Fato*, no ano de 2009, indicando como motivos: a falta de representatividade jornalística deste viés mais alinhado a “esquerda” e jornais que tivessem espaço para “comunicação mais democrática”, o que ele defende a medida que condena “monopólio da mídia tradicional”.

Mobilizando as inserções nos domínios jornalísticos e artísticos, amalgamadas à defesa de causas militantes consideradas legítimas (como acontece para os participantes e fundadores do jornal), evidencia-se a estruturação dos posicionamentos políticos e culturais. Estas disposições são tratadas como “alternativas”/“opostas” às que ele chama de dominantes e são percebidas como uma “missão” direcionada, também, no jornal, mas que extrapolam o periódico, pois os participantes do JVF já estabeleciam “encontros, [levantavam] bandeiras a favor dos ideais de liberdade e democracia, que serão conquistados plenamente algum dia no país”.

1.3 O Lugar das mulheres

A apresentação textual das entrevistas com as agentes Marivânia Moura e Alice Pires será tratada de maneira diferenciada nesta parte do trabalho, pois foram feitas em momentos bem anteriores aos dos outros agentes, com diferença de mais de um ano. As perguntas direcionadas a elas também se seguiram de maneira diferenciada, já que houve a preocupação de as ouvir acerca das suas concepções sobre o gênero feminino num ambiente com preponderância masculina, o que enveredou as falas de maneira discrepante as dos outros. Ainda mais, a entrevista de Marivânia foi a única feita presencialmente, sendo todas as outras por e-mails, o que também interfere no acesso a mais e mais qualificadas informações.

Por fim, as condições das fases do jornal – discutidas no capítulo anterior – e o momento de pandemia instalado no ano de 2020 interferiram na dinâmica das entrevistas. Quando as agentes deste tópico foram entrevistadas, o Jornal ainda “circulava” de maneira física, enquanto os outros agentes foram entrevistados quando o JFV já havia deixado de ser distribuído no modelo impresso e seus integrantes passaram a se engajar com o projeto de comunicação chamado Agência Tambor, e, para estes últimos, o contato virtual foi obrigatório, pois o isolamento social havia sido decretado no Estado, impedindo as entrevistas continuarem no modelo presencial.

As agentes Marivânia Melo Moura e Alice Pires van Deursen destacam-se pela quantidade de publicações no jornal *Vias de Fato*, sendo esta última a única mulher do grupo dos agentes que mais escreveram para o jornal.

1.3.1 Marivânia Moura

Marivânia, em entrevista, define suas publicações a partir de uma vontade de publicar os textos que escrevia durante o mestrado: “[...] os artigos eram da época que eu estava estudando para o mestrado, e ‘aí’ eu escrevia e queria que as pessoas lessem, ‘aí’ eu publicava [...]”, a agente tributa o seu objeto de pesquisa (sobre cultura oligárquica), na Universidade Federal do Maranhão, à sua necessidade de fugir ou até mesmo negar a realidade interiorana (nascida em Lago do Junco – MA), cuja caracterização exprime “[...] as práticas oligárquicas, elas se fazem bem mais presentes.”

Ela demonstra a necessidade de discutir questões políticas, que são tratadas nas matérias que escreveu, relacionadas a sua própria trajetória. Afirma ter tentado “fugir” da realidade interiorana, mas isso teria se imposto de uma maneira que não teria capacidade de mudar a sua condição de origem: “Eu dizia ‘pro’ meu professor que eu tinha fugido do meu interior, mas que não adiantava fugir. Toda vez que eu vou em Lago do Junco eu tenho a impressão que eu voltei ‘pra’ 1910, porque o coronelismo ali é um negócio bem forte [...]”.

A agente também associa sua relação de orientação com o professor do departamento de História da UFMA, Wagner Cabral como um elemento que estimulou suas publicações no jornal, já que ele caracterizava seus textos como muito mais estilo panfletário do que acadêmico. Essa relação entre inserção acadêmica, vínculos sociais e publicações no jornal são importantes para a compreender a porosidade dos *domínios sociais* e como os agentes “passeiam” entre eles, acumulando trunfos, relações e multinotabilidades. Na entrevista com Marivânia, esses aspectos são expressos.

O fato de ter nascido em Lago do Junco (MA) é mencionado como um dos motivos para ter ingressado no curso de história e ter se tornado professora na rede Estadual do Maranhão. A agente diz que veio para São Luís morar na casa de parentes para estudar, por isso escolheu um curso que era menos concorrido, pois se não passasse no vestibular, teria que voltar para o interior, e o fato de ter escolhido a história estaria ligado à uma influência dos seus professores do ensino médio.

Em relação aos seus pais, Marivânia relatou uma origem muito humilde. O pai não chegou a terminar o ensino fundamental e faleceu muito cedo, enquanto a mãe só conseguiu uma graduação em pedagogia muito depois de ter criado os filhos. Sobre o que chama de “educação como causa”, a agente define tanto sua participação no jornal como sua atuação como professora como as duas principais formas de seus engajamentos militantes:

“Eu não passei por nenhum processo de militância. Na verdade, essa era minha preocupação como historiadora, eu nunca me filiei a nenhum partido político. Eu cheguei à conclusão que a educação é a minha militância. Percebi que não precisava de um partido para ter uma causa social”. Esse imbricamento entre a atividade profissional na educação e o seu uso como causa a ser defendida aparece no teor das matérias escritas para o jornal.

Em entrevista, ainda, Marivânia define uma “cultura política” que ela chama de “permeada por mudanças e permanências”. A mudança estaria no fim do poder da “oligarquia Sarney” no Maranhão, mas ainda permanecendo práticas de “clientelismo” e um alto nível de favorecimento pessoal na atual gestão de Flávio Dino: “Na gestão atual eu escrevi também sobre a política cultural do Estado, os editais por exemplo, é uma perspectiva de mudança pra quebrar com o apadrinhamento ‘né?’, ‘pra’ dar oportunidade às pessoas, aos artistas locais, mas a gente sabe que é tudo cartas marcadas[...]”. A agente, portanto, apresenta uma análise enquanto historiadora acerca das práticas políticas no Estado, impondo críticas a dois momentos diferentes devido a saída de uma “oligarquia” e entrada de uma “mudança” que não se faz plena, segundo a entrevista.

1.3.2 Alice Pires

Alice Pires, similarmente à origem de Marivânia, nasceu no interior do Maranhão, município de Chapadinha. Os pais eram agricultores em Lagoa dos Cavalos, município de Coelho Neto, e tiveram 15 filhos. Todos os filhos estudaram em escolas públicas de outros municípios, pois em Lagoa dos Cavalos não havia escola. A agente conta que apenas com o falecimento do pai a família veio para São Luís.

Em entrevista, ela afirma que teve um grande estímulo da família para estudar, o que a levou a fazer dois ensinos médios em escolas públicas com

técnicos em eletrotécnica e administração. Definiu-se como autodidata e estudiosa da bíblia, tributando sua relação com a docência à um natural desejo de lecionar que começou na infância: alfabetizando adultos desde os seis anos de idade e, posteriormente, dando aula de teologia em Institutos Religiosos. A relação com a religião aparece novamente como uma dimensão das trajetórias dos agentes e também como trunfo para justificar o exercício de atividades sociais, que aqui se expressa na atividade educativa.

Alice relaciona seu ativismo a uma sensibilidade pelas causas sociais, acionando sua participação em diferentes processos de luta em instituições como “Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento Quilombola do Maranhão, Movimento Sem Terra (MST), Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e Movimento Indígena”. Nesses espaços ela afirma ter conhecido pessoas que a levaram para o trabalho com a comunicação, cujo ativismo desaguou na criação do Jornal *Vias de Fato*, com Emílio Azevedo, César Teixeira e Altemar Moraes.

É necessário frisar a semelhança com o discurso da agente anterior: o significado dado ao que a agente chama de “sensibilidade” advinda do “desejo natural de lecionar” como causas que desaguam em efeitos, considerados como a própria expressão das múltiplas posições ocupadas pelos agentes e a naturalização das causas a partir das suas biografias.

Sabemos que seria necessário reunir mais relatos do conjunto dos agentes para conseguirmos realizar uma reflexão mais aprofundada sobre, por um lado, os significados subjetivos que atribuem a própria história, e, por outro lado, dos diferentes laços que embasam o reconhecimento e as identificação dos outros agentes, nesses espaços, da autoridade de quem fala e em nome do quê fala.

O JVF é caracterizado por Alice como: “[...] parte de um projeto pedagógico que não está associado ao lucro. Informação é interesse público e deve ter motivação política e educativa. [...]”. Ela ainda traz relevância para o fato de ser casada com o professor doutor, ligado ao departamento de sociologia e antropologia da Universidade Federal do Maranhão, Istvan van Deursen, a quem ela tributa tê-la influenciado para um maior engajamento com a comunidade indígena:

“[...] gostaria de destacar uma em especial, meu esposo, István Van Deursen Varga, médico e antropólogo que me inspira todo dia, com seu altruísmo, levando atendimento aos quilombos e aldeias praticamente esquecidos pelo poder público. Hoje, ambos fazemos parte da Associação Nacional de Ação Indigenista (Anai) e do Núcleo de Extensão e pesquisa com populações e comunidades Rurais, Negras Quilombolas e Indígenas (NURUNI) da Universidade Federal do Maranhão.”

O destaque dado a existência de vínculos: casamentos, amizades, etc., enfim, as relações interpessoais refletem, então, a importância das alianças, redes, identificações, etc., nas biografias dos agentes e, principalmente, nas causas que defendem. Assim como às demais inserções militantes.

Sobre as percepções acerca da condição de mulher nos espaços em que transitam, ambas agentes relataram a “onipresença masculina” (fala de Alice Pires). Marivânia, por sua vez, exprime sua dificuldade em ter conseguido seu espaço no meio da educação, tendo passado muitos anos na “sombra do meu esposo, que também era professor de história”: “eu pegava sempre as áreas da disciplina que ninguém queria, como história do Maranhão e história antiga, apenas com o falecimento dele, eu deixei de ser a esposa de Ronaldo e passei a ser a professora Marivânia”.

Ambas também relatam observar, muitas vezes, serem as únicas mulheres no meio de muitos homens e, por isso, uma necessidade de ainda serem discutidas pautas sobre representação feminina – outra causa frequentemente encontrada entre as matérias do Jornal como relevante para o debate acerca das “minorias”, que estão submetidas as “desigualdades sociais” que o Jornal propõe destacar e ser porta-voz.

1.4. Os “professores/pesquisadores”

A grande quantidade de professores na posição autores/porta-vozes para o jornal *Vias de Fato* chamou atenção durante a formação dos quadros posopográficos e também na leitura das matérias, que estavam recheadas de rodapés mencionando os níveis e graduação dos agentes e referências bibliográficas de literaturas com caráter quase que estritamente acadêmico/técnico na área das Ciências Humanas.

Sendo assim, foi importante não só estabelecer as porcentagens dessa incidência, significativamente grande, como estabelecer uma aproximação mais

qualitativa com dois agentes considerados “intelectuais” e militantes, participando, com destaque, na construção de versões para produção/legitimação de causas defendidas no periódico.

Especificamente os professores universitários que escreveram para o JVF utilizam uma linguagem mais técnica, até mesmo resultados de trabalhos feitos nos grupos de pesquisa mantidos nos domínios universitários dos quais participam ou são orientadores (como é colocado nas próprias notas do jornal).

Como analisado anteriormente nas tabelas sobre ocupação/profissão dos agentes, muitos deles apresentaram informações sobre suas formações acadêmicas em rodapés das matérias e já se frisou aqui a importância que isso traz para a compreensão do papel de porta voz, à medida que se afirma conhecimento/experiência para falar em nome de uma causa.

1.4.1. Horácio Antunes – Os projetos capitalistas e a causa ambiental; o trabalho acadêmico e a militância.

As inserções do professor e pesquisador da UFMA Horácio Antunes são exemplares dos imbricamentos entre domínios e lógicas políticas, culturais e, principalmente, de sentidos de missão (incluindo o sentido religioso), que se refletem no teor das matérias publicadas no JVF.

Nascido em São Luís de Montes Belos (Goiás); filho de uma professora aposentada e um funcionário aposentado do fisco estadual, ele se formou Bacharel em Ciências Sociais (1982-1986); Mestre em Educação (1988-1993). Atuou como Chefe de Gabinete e Assessor Especial do Prefeito de Goiânia (1993-1994). É professor, pesquisador e extensionista vinculado ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) desde 1994.

Depois disso, fez o Doutorado em Ciências Humanas (Sociologia) (1998-2002) e foi Secretário de Comunicação da Prefeitura de Goiânia (2002). Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc) da UFMA desde 2003. Foi coordenador do Curso de Ciências Sociais (1997 e 2004-2005); Coordenador (2007-2009) e Vice-Coordenador (2011-2013) do PPGCSoc. Fez Pós-doutor em Sociologia (2010-2011); atuou como Professor Visitante no Exterior no México (2018-2019). Goiano que se mudou para São Luís – Maranhão em 1994.

Em entrevista, ele afirma ter militado, desde a década de 1980, em movimento estudantil universitário em Goiânia, participado da Pastoral da Juventude Católica e movimento de periferia urbana. Pontua que se voltou, desde 1994, para “questões ambientais e, conseqüentemente, para os efeitos de grandes projetos de desenvolvimento no modo de vida dos povos e comunidades tradicionais”.

Além disso, foi vinculado ao Partido dos Trabalhadores, entre 1982 a 2003, e ao movimento sindical no Sindicato dos Professores de Escolas Particulares, e na articulação da Oposição Sindical (o que é?). Entre 2000 e 2003 foi assessor educacional para movimentos sindicais rurais e urbanos e para a Comissão Pastoral da Terra. Atualmente ele milita no sindicato dos professores, APRUMA, no qual assumiu a Diretoria de Dignidade Humana. Desde sua fundação, em 2015, participa do Movimento de Defesa da Ilha.

Ao analisar os dados sobre a formação escolar, as atividades “acadêmicas”/“universitárias”, e as dos projetos e grupo de pesquisa, observa-se uma relação de proximidade com o teor das matérias assinadas pelo agente, dentre os títulos: “Camboa dos Frades, Vila Madureira e termelétrica do Porto do Itaqui – grandes projetos de desenvolvimento e comunidades locais” (atualidade; página 12; Março, 2010. Edição 6); “Um maranhão de projetos de desenvolvimento e... conflitos ambientais” (Página 12; dezembro, 2010; Edição 15); “Os verdadeiros beneficiados nos projetos de desenvolvimento associado a Carajás” (Desenvolvimento; página 4; Setembro, 2013; edição 46); etc.

O conteúdo das matérias envolve uma quantidade significativa de críticas/análises de projetos engendrados por grandes empresas instaladas no Maranhão (principalmente ALUMAR e VALE). Há delimitação/identificação dos impactos socioambientais sofridos pelas comunidades, que são atingidas após os empreendimentos serem instalados/construídos, como refinarias e termelétricas.

Nessas matérias é feita sempre uma referência ao grupo de estudos nas ciências humanas e às pesquisas dos seus participantes, além de pontuar constantemente os históricos de programas desenvolvimentistas iniciados no governo Lula, pesando as conseqüências da acumulação de capital para a sociedade brasileira, feitas às custas de uma piora da qualidade de vida de populações, desastres ambientais, etc.

Aliado a estas matérias, percebe-se a inserção do agente em diferentes domínios de atuação, a qual permite pontuar, em relação ao teor das matérias

publicadas no jornal, as causas que são consideradas válidas para o agente e para os objetivos do jornal. Para ele, significa a oportunidade “de difusão de informações e análises sobre a situação de povos e comunidades tradicionais confrontados com grandes projetos de desenvolvimento no Maranhão ou relacionadas com a divulgação de eventos de interesses desses povos e comunidades”.

O jornal seria, então, como “um instrumento fundamental de veiculação de vozes que, normalmente, não encontram espaços na mídia tradicional” (entrevista com Horácio Antunes). Assim, é um canal da sua conexão entre “atuação universitária” e nos “movimentos sociais”, com debates e adesões políticas que reúnem ambas.

São verificadas, dessa forma, as várias interferências entre sentidos militância, políticas e acadêmicas na legitimação tanto das causas (principalmente as que se referem ao meio ambiente e à defesa de comunidades atingidas por grandes empreendimentos), como do agente autorizado a falar em nome delas a partir dos amálgamas de lógicas e domínios sócias.

Além das inserções em movimentos, as relações/vínculos atribuem, ainda, significado para as causas defendidas. Em matérias que o agente assina, há a assinatura de outros agentes indicando que os textos foram escritos em conjunto ou, pelo menos, são resultados de pesquisas, dado que os rodapés apresentam as formações acadêmicas e a participação no mesmo grupo de estudo da UFMA. Ex: Bartolomeu Rodrigues Mendonça (sociólogo, mestre em sustentabilidade e ecossistemas, doutorando em ciências sociais, professor do Colun e coordenador do GEDMMA, na página 8; Janeiro; 2014; edição 50); Ana Lourdes da Silva Ribeiro (geógrafa, aluna do curso de especialização em educação ambiental da UEMA. Pesquisadora do GEDMMA, na página 6; Agosto, 2013; edição 45).

Finalmente, Horácio, em entrevista, justifica sua participação no Jornal pelo fato de considerar o periódico “um dos poucos canais de expressão dos movimentos populares e sindicais no Maranhão”; alia o objetivo do Jornal ao seu objetivo enquanto defensor de questões ambientais e por ter interesse em desvendar as consequências dos discursos/empreendimentos desenvolvimentistas na vida de populações tradicionais.

A presença de Horácio Antunes no ambiente acadêmico, nos movimentos sociais, a trajetória em sindicatos e instituições vinculadas a Igreja Católica, como a CPT; a proposta do Jornal *Vias de Fato* como “um veículo de comunicação aberto à

difusão de notícias, informações e análises relacionadas às lutas populares do Maranhão”: elucida-se a porosidade dos domínios sociais acadêmicos, políticos, religiosos e intelectuais, etc.

A relação de vínculos pode ser percebida no teor das matérias, geralmente acompanhadas de outras assinaturas com participantes do mesmo grupo de estudos da UFMA; além disso, na última candidatura de Emílio Azevedo para vereador da cidade de São Luís, Horácio demonstrou publicamente apoio ao “dono” do Jornal, esse apoio também foi feito por outros professores do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA e agentes catalogados neste trabalho, como Maristela Andrade, Arleth Santos Borges, Marivânia Moura, Bartolomeu Mendonça, Lyndon Araújo, Flávio Reis⁹, etc.

Portanto, os debates em torno das questões defendidas por agentes como Horácio, no Jornal, passam pela legitimação enquanto porta-vozes –trunfos, formações, militância, etc. -, pelas relações e vínculos em variados domínios sociais, pela justificação/legitimação do papel jornalístico do JVF e a formação de ações no que chamou de “combate as históricas injustiças [...] que marcam o Maranhão”.

1.4.2 Lyndon de Araújo – entre a religião e a história; a política e a militância.

Lyndon de Araújo nasceu no Rio de Janeiro (RJ), o pai era professor de História e a mãe era “doméstica”. Viveu na cidade natal até 1988, após isso mudou-se para Ribeirão Preto (SP) e lá ficou até 1995, quando veio para São Luís (MA). Bacharel em Teologia (STCRJ), graduado em História Licenciatura (UNESP-Franca, SP), Mestre em Ciências da Religião (UMESP, São Paulo) e Doutor em História (UNESP-Assis, SP). Pós-Doutor em História (UFF). Atualmente é professor de história da Universidade Federal do Maranhão e também é um pastor evangélico. Essas inserções legitimam seus posicionamentos priorizando a pauta “religiosa” nas matérias que escreveu para o Jornal *Vias de Fato*.

Na Universidade Federal do Maranhão, atuou como coordenador de curso, diretor do Centro de Ciências Humanas e coordenador do Programa de Pós-graduação em história da. Acrescentando a isso a presidência na ABHR –

⁹ Vídeos de apoio podem ser conferidos no perfil em rede social de Emílio Azevedo <https://instagram.com/emilioazevedojornalista?igshid=1bgvqi7ebb8ds> e na carta aberta assinada por vários agentes inseridos nesta pesquisa em <https://instagram.com/emilioazevedojornalista?igshid=1bgvqi7ebb8ds>

Associação Brasileira de História das Religiões e presidência da FTL-B – Fraternidade Teológica Latino-Americana, Setor Brasil (2012-2015). Essas inserções já podem apontar a mobilização do discurso amalgamado, que se reflete nas matérias publicadas no Jornal *Vias de Fato* em como, por exemplo, as discussões sobre a relação entre o Estado e a Religião com teor de crítica ao uso de dinheiro público em retiros culturais religiosos (“Sobre evangélicos e 'retiros culturais’”. Página de Opinião, pág. 3. março, 2010. Edição 6.). Na nota de rodapé com a apresentação do agente, estas vinculações são nítidas: “Pastor da Igreja Evangélica Congregacional de São Luís; professor do Departamento de História e Diretor do CCH da UFMA; membro do Movimento Evangélico pela Justiça”.

Ele também se propôs a fazer uma “Análise histórica sobre a mudança ocorrida na postura dos evangélicos depois da ditadura militar” com uma crítica ao posicionamento moral da bancada evangélica e ao uso da religião como forma de opressão política no Brasil (Página 7, novembro, 2012, Edição 37).

O que se percebe é uma persistência das mesmas lógicas reunidas nos posicionamentos do agente, que envolvem, no mínimo, militância, religião, história e política. Na matéria de novembro de 2012 (indicada no parágrafo anterior), Lyndon defende qual seria o dever/o papel dos fiéis protestantes, no âmbito da decisão política, perante situações eleitorais ou de desigualdade social, por exemplo. O professor indica que, historicamente, houve uma mudança na decisão/comportamento dos protestantes, que atualmente ele considera negativos.

Assim, Lyndon pretende indicar uma religiosidade legítima/necessária ao público protestante, aliando-a a bandeiras políticas consideradas válidas pelo agente: ela seria mais próxima do interesse dos mais carentes, dos que passam por mais injustiças e desigualdades, indo na contramão do que aconteceria atualmente entre os fiéis.

Em entrevista, destacou inserções em variados ambientes como trunfos acumulados: sua passagem pela militância no contexto da universidade, pelo ensino, e no apoio às lutas sindicais da APRUMA. Também frisa sua atuação no programa Papo de Crente, da Agência Tambor, militando no campo da comunicação, ainda de forma embrionária, segundo ele.

Lyndon de Araújo atribui uma identificação por “alinhamento” entre seus interesses político-ideológicos e o jornal, o que justificaria a participação no projeto: “sempre li o *Vias de Fato* no contexto da UFMA e me identifiquei com a sua linha de

um jornalismo crítico, democrático, autônomo e não alinhado partidariamente, embora identificado com o espectro da esquerda”.

Além disso, aponta a possibilidade de maximização religiosa, já que o JVF permitiria “explicar as distinções do segmento evangélico, tomado como conservador e reacionário em sua totalidade pelo senso comum”. A defesa do que seria o “segmento evangélico” – que o agente positiva e se coloca como porta-voz – encontraria espaço no Jornal por ser um ambiente de democracia.

1.5 A Editoria de Cultura

Os eventos culturais que acontecem preponderantemente em São Luís – MA (a maioria deles classificados, no jornal, como relativos à “cultura popular”), entrevistas com cantores, escritores, Dj’s, artistas plásticos, etc. do Estado, bem como críticas à ausência de valorização da cultura maranhense foram feitos, especialmente, na editoria de “Cultura” do JVF, sempre na mesma página do periódico e quase sempre com o mesmo escritor: Zema Ribeiro. A análise desse caso é, portanto, basilar para apresentar outros amálgamas entre domínios políticos e culturais, vínculos e defesa de determinadas “bandeiras”.

1.5.1. Preponderância de Zema Ribeiro

Zema Ribeiro nasceu em São Luís/MA, filho de uma pedagoga e professora e um mecânico. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Atualmente, escreve regularmente no blog Homem de vícios antigos (<http://www.zemaribeiro.farofafa.com.br>), editor-correspondente do site de jornalismo musical Farofafá (<http://www.farofafa.cartacapital.com.br>) e Diretor da Escola de Música do Estado do Maranhão Lilah Lisboa de Araújo (Emem). Anteriormente foi assessor de comunicação da Cáritas Brasileira Regional Maranhão, Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH), Conselho Regional de Serviço Social – 2ª. Região/MA (Cress/MA), Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias dos Estados do Maranhão, Pará e Tocantins (Stefem), editor de cultura do jornal Vias de Fato. Atua em jornais ludovicenses, como colaborador, free lancer ou colunista, além de revistas como Top (São Luís/MA, número único), Brazuca

(França, bilíngue) e Overmundo (Rio de Janeiro/RJ), também um site para o qual escreveu.

No livro intitulado *Penúltima Página – Cultura no Vias de Fato*, prefaciado por Flávio Reis (professor do departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal e um dos agentes localizados por este trabalho como assíduo em publicação de artigos de opinião), Zema apresenta algumas das matérias que foram localizadas na página de Cultura do JVF. Flávio Reis descreve:

Conheci Zema Ribeiro no final de 2009, ao mesmo tempo em que travava contato com Emílio Azevedo. O motivo era justamente adensar a articulação em torno do *Vias de Fato*, o jornal mensal que havia surgido, puxado por Emílio e Cesar Teixeira, em conjunto com Alice Pires e Altemar Moraes. Era uma atitude quase de guerrilha, ação corajosa de um pequeno núcleo decidido a criar uma fresta que fosse no paredão quase monolítico do jornalismo local, dominado pelo poderoso Sistema Mirante, porta-voz do grupo oligárquico capitaneado pelo clã Sarney. Era o início de uma experiência ímpar de jornalismo combativo, próximo a movimentos sociais e sindicatos e, sobretudo, aberto à colaboração de professores, ativistas sociais, sindicalistas, artistas e qualquer um que tivesse algo a dizer numa perspectiva contrária à barbárie social e política em que vivemos, emoldurada pela utilização mercantil da cultura popular como fonte de legitimação. O papel de Zema seria tocar a seção cultural do jornal, a “penúltima página”, onde teria liberdade de comentar, entrevistar, agendar, enfim, dar uma ideia do que acontecia em diversas áreas do cenário das artes e da cultura. Nada mais acertado, pois ele já fazia isso no blog, onde se apresenta como “um homem de vícios antigos”, que “ainda compra livros, discos e jornais”. (RIBEIRO, 2019)

As relações estabelecidas entre os agentes do jornal são um fator relevante das suas intervenções neste canal de expressão de “esquerda” no Maranhão. As redes de relações entre os fundadores e colaboradores é mais um fator de construção da identificação entre pessoas com várias afinidades, que ocupam lugares nos domínios políticos, religiosos, culturais, universitários, etc. Claramente, eles partilham, por meio de debates, movimentos, sindicatos, etc., de valores, ideias, versões acerca da “realidade”, e se colocam como porta-vozes, ao se posicionarem e acionarem seus trunfos, qualificações e biografias para legitimação de causas.

O JVF, tanto quanto o livro de Zema Ribeiro, que traz algumas matérias da página de cultura (que aqui focaremos apenas no prefácio, pois o conteúdo dos dois veículos é igual e no segundo é apenas reduzido), são espaços onde essas definições e posicionamentos aparecem com maior nível de sintetização e demonstram as frágeis fronteiras entre os domínios ou a importância de várias inserções para legitimar as tomadas de posição assumidas

Flávio Reis escreve que Zema Ribeiro teria sido cotado para a página de Cultura do JVF, porque já fazia isso no blog pessoal e também por ser um “homem de vícios antigos”, alguém que ainda “compra livros, discos e jornais” (RIBEIRO, p. 9). Essas afirmações acerca de Zema parecem já legitimar que a editoria “Cultura” deveria ser responsabilidade de alguém que, além de já ter este ofício, também teria determinados gostos culturais: livros, jornais, discos. O posicionamento de Flávio Reis revela uma concepção de “cultura legítima” já na escolha do Zema para essa função, o que é corroborado em inúmeras matérias com artistas maranhenses sob títulos como “cultura popular”, “resistência cultural”, “arte no Maranhão”, “cantora genuína”, etc.

Com base no Livro de Zema Ribeiro, sua entrevista e as matérias no periódico, podemos pontuar, desde já, que, na análise que fizemos da editoria, apareceu, de maneira constante, a necessidade de falar da “cultura”, definindo-a não somente nos limites dos eventos ou entrevistas com personalidades, mas na relação com a política, principalmente, a economia, a educação, etc.

Importa, então, apresentar o posicionamento destes agentes na justificativa do jornal: falar sobre cultura “tudo bem ao estilo livre e comunitário do *Vias de Fato*” (Idem, p.11), “uma atitude quase de guerrilha”, posicionando o periódico em oposição ao “paredão quase monolítico do jornalismo local, dominado pelo poderoso Sistema Mirante, porta-voz do grupo oligárquico capitaneado pelo clã Sarney” (Idem, p.9); o combate ao jornalismo tradicional é colocado como missão do *Vias de Fato* desde a sua primeira edição, aqui neste trabalho apresentado no manifesto do ano de 2009. Uma missão, também da editoria de Cultura é seguir na oposição a um inimigo que é político, o ‘sarneysismo’, uma taxonomia recorrente na maioria das matérias escritas para o periódico (o que já foi posto aqui como característica da disputa faccional no estado).

Além do inimigo político, o ataque a uma “utilização mercantil da cultura popular como fonte de legitimação” (Idem, p. 9), dizer e defender o que é “cultura popular”, quais são os “verdadeiros” usos, os usos “legítimos” ao mesmo tempo em que se tenta destruir, deslegitimar o “sarneysismo”, a “oligarquia”, os jornais “tradicionais”. Refletindo ainda que as fontes de legitimação das defesas operadas pelos agentes advêm de seus papéis enquanto porta-vozes, papéis considerados autênticos e reconhecíveis.

“Zema escreve bem, tem lastro de leituras, agilidade e curiosidade para encarar as dificuldades de fazer jornalismo cultural numa terra pouco afeita a debates e críticas.” (Idem, p.10). Assim, são reconhecidos por capacidades e visões que seriam detidas pelos mesmos que certificam suas posses, principalmente, aqueles que avaliam o outro pela própria habilidade de avaliar, aptidão autenticada nas trajetórias, na formação acadêmica, no uso da palavra, em nome do “povo”, “popular”.

Em entrevista, Zema relata que realizou estágio na Sociedade Maranhense de Direitos Humanos inspirado por César Teixeira (um dos “donos” do jornal já analisado anteriormente). Mas também o contato com outros componentes do jornal com quais existiria uma “identificação política”, a “defesa dos direitos humanos”, e outras sublinhadas pelo jornalista como parte da sua militância contínua na ação profissional, convergente com seu “jornalismo cultural”.

Cesar Teixeira é uma de minhas maiores referências humanas, seja como pessoa, jornalista ou artista. Conheci Emílio Azevedo e Altemar Moraes, outros fundadores do jornal, já durante sua feitura. Alice Pires, a outra fundadora, foi a pessoa que primeiro fez publicar um texto meu na imprensa maranhense, no extinto jornal Folha do Maranhão. Nossos interesses se cruzam na identificação política com a esquerda, em defesa dos direitos humanos, justiça e igualdade social. (trecho da entrevista concedida por Zema Ribeiro)

A inserção como colaborador para o jornal é relatada não apenas como restrita ao campo da redação jornalística ou fazer jornalístico, mas à confluência de causas comuns e “contra os desmandos da oligarquia Sarney”. Portanto, a autoridade para escrever sobre “cultura” no JVF, assim como nos outros casos examinados, é calcada em muitos atributos relacionadas a estilos de vida, disposições e posicionamentos políticos militantes da rede de agentes que compõe esse veículo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca por compreender as relações que envolvem disputas por definições de causas consideradas legítimas em configurações locais, como o Maranhão, foram empenhados esforços para desnaturalizar concepções de mundo que são notórias e familiares ao universo acadêmico, principalmente, explicações sobre a “realidade” construídas nas batalhas pela representação e intervenção legítima no mundo social. Para isso, procuramos entender algumas das condições sociais de afirmação de porta-vozes e da legitimação de causas “políticas”, “culturais”, “ambientais”, etc.

Inserida na agenda de pesquisas sobre engajamentos militantes, desenvolvida em projetos do Laboratório de Elites Políticas e Culturais (LEEPOC), partimos de um jornal de circulação regional, principalmente na capital do estado, reconhecido por seus posicionamentos de contestação aos governos estabelecidos, principalmente aos chamados “grupos oligárquicos”.

O Jornal *Vias de Fato* se apresenta como criado para “ser um canal de expressão das demandas sociais do movimento social maranhense” e de oposição ao Governo do Estado. Então, já embasada em trabalhos empíricos acerca das disputas faccionais que ocorrem no Maranhão e o papel central dos Jornais em circulação no Estado, como espaços de disputas (GRILL & REIS, 2014), buscamos, em primeiro lugar, detectar as principais causas defendidas por agentes que escreveram para o Jornal, por meio das matérias catalogadas.

A questão central foi localizar quem são os agentes que se posicionam nesse espaço? A partir de que domínios de atividades? Usando quais repertórios de mobilização? Essas diretrizes foram seguidas visando adotar uma análise social, relacional e disposicional dos agentes envolvidos em redes de relações e de percepções sobre as disputas políticas e militantes,

Por meio da localização de informações nas notas de rodapé das matérias e de entrevistas realizadas, pudemos perceber que a produção e defesa de causas legítimas da oposição (pretendida “de esquerda”) no Maranhão é principalmente relacionada a agentes que possuem ou estão em curso de formação universitária, têm vários tipos de inserções militantes, relações com princípios ou causas religiosas e mantêm redes de relações e vínculos entre si.

Em sua maioria, os agentes escreveram matérias para o Jornal baseados em tipos específicos de produção acadêmica e científica que já operam em suas profissões (muitos são professores e alunos, coordenadores ou membros de grupos de pesquisas nas principais universidades públicas do Estado). Estes agentes escrevem predominantemente sobre os efeitos (considerados em quase todas as críticas como negativos) que as políticas públicas operadas pela gestão do Governo têm sobre as dinâmicas de produção cultural, de lógicas corrupção, constituição de uma "máfia" política, onde definem que os interesses de políticos estariam em somente favorecer empresas e indivíduos de "classes" economicamente abastadas.

Isso ficou claro no processo de categorização dos agentes que mais escreveram para o JVF. Passando inicialmente pelos idealizadores/criadores, ficou estabelecida a categoria "donos do jornal" e, por meio das entrevistas, foi possível perceber a relação entre jornalismo e ideologia política de maneira mais intensa (no caso de Emílio Azevedo e César Teixeira). Afora as ligações com manifestações e movimentos sociais, produção cultural no Maranhão (música e literatura, mais precisamente). Ambos expressaram similaridades em suas intenções acerca dos objetivos do JVF: jornalismo de denúncia, pontuados por uma oposição às gestões políticas no contexto maranhense; "crença" no estabelecimento de um jornalismo crítico em favor da liberdade de expressão e militante pelas causas populares.

Além disso, a presença da agente Alice Pires - dentro da organização do jornal - chamou atenção para a inserção feminina, ainda mais quando comparada à quantidade de homens que escreveram para o jornal. Percebeu-se, então, a necessidade de observar quais mulheres escreveram para o jornal, para além da dimensão dos cargos de organização. Com o recorte, a presença de Marivânia corroborou e as duas foram cooptados para serem casos exemplares.

Em entrevista, seus discursos revelaram diferenças no intuito de escrever – Alice justifica por ser coordenadora e estar envolvida com as pautas do jornal e Marivânia por estar no mestrado, naquela época, e estudar sobre as conjunturas políticas no Maranhão. Assemelham-se, porém, em relação a defesa da causa "educação", pontuando este fator como motivador dos seus interesses políticos, ideológicos e profissionais.

A presença dos maridos nas suas trajetórias é pontuada com frequência, ora para o estímulo na busca pelas suas profissões/ofícios, ora como indivíduos essenciais no que diz respeito às suas escolhas e posições: Alice aponta o cônjuge

para relação com a política e educação e Marivânia na escolha de professora de história e até mesmo na própria legitimidade do seu trabalho durante o início da docência. O que o que se refletiu na categorização “o lugar das mulheres” tanto por uma questão quantitativa já mencionada, como pela condição de gênero e as implicações disso nas suas trajetórias.

Foi avaliada também a presença de parlamentares pela inspiração do trabalho de Eliana Reis, que fazia a comparação entre o contexto do Rio Grande do Sul e o Maranhão. Foi elucidativa quanto a fraca presença de parlamentares dentro do contexto de engajamento militante, pelo menos no JVF, confirmando as análises de Reis (2014). Estes apenas apareceram nas matérias em circunstâncias eleitorais; salvo o caso de Bira do Pindaré que, segundo trajetória analisada, insere-se nos domínios políticos, religiosos, nos movimentos sociais e na defesa de causas similares às das que são pontuadas no periódico.

Em compensação, os “professores/pesquisadores” apareceram com bastante frequência nas matérias do jornal. Levou-se em consideração, inicialmente, a quantidade de matérias publicadas e, após as entrevistas, as suas relações com a defesa de causas e legitimidade extraída dos trunfos dos conhecimentos/títulos acadêmicos, das trajetórias em movimentos sociais, das passagens pelo engajamento militante dentro dos ambientes religiosos e da intensa relação com grupos de estudos na área das ciências humanas (na UFMA). Similar foi a percepção sobre a maneira como foram apresentados os temas que eram discutidos nas matérias, geralmente fenômenos políticos, culturais, etc. vistos a luz das ciências sociais, geografia, história, etc. além das notas de rodapé recheadas com seus ofícios/títulos; fora isso, as relações de vínculos sociais ficaram explícitas nas entrevistas, estes estabelecidos em vários domínios para além do ambiente acadêmico.

Por fim, a presença de Zema Ribeiro na editoria de Cultura refletiu em uma análise acerca da sua legitimidade enquanto jornalista e consumidor de Cultura Maranhense. O que é reiterado durante a maior parte das matérias do jornal e por outros agentes envolvidos com o JVF. Matérias que envolviam a valorização da cultura local, críticas à atuação política dos governantes em prol da Cultura. Para além de informar sobre eventos que ocorreriam na cidade ou no estado, foi dada uma ênfase na relação entre política e cultura, oposição às gestões governamentais e políticas públicas, discussões acerca da legitimidade da cultura produzida no

estado e entrevistas com personalidades consideradas representativas da produção artística.

Não raro foram as matérias que definiram causas quilombolas, indígenas e de comunidades em detrimento dos prejuízos causados pela gestão da "oligarquia Sarney" e "empreendimentos capitalistas", outra preponderância se destacou também sobre os espectros da definição de identidades de minorias sociais e das produções culturais de artistas maranhenses. Os agentes que escreveram para o Jornal, dentre os sete anos catalogados, tenderam a definir, preponderantemente, as causas consideradas legítimas com o uso de taxonomias ligadas ao "sarneysismo" e a crença em uma lógica de "máfias" instaladas no Estado do Maranhão.

A grande porcentagem de agentes ligados aos domínios acadêmicos e aos movimentos sociais traduz-se também no caráter "intelectualizado" de como escreveram as matérias para o Jornal, a citação de referências bibliográficas de teóricos e literários, trechos de músicas consagradas (MPB), ou seja, uma preocupação em legitimar definições que estão em disputa sobre o que é a "política", a "cultura", e posicionarem-se em favor da defesa de direitos de "minorias", lutas que são validadas ao mesmo tempo em que críticas são construídas sobre a gestão do Governo e a definição da história de "dominação" do Maranhão, devido ao uso de conceitos como "coronelismo", "oligarquia", "máfia", etc.

No que diz respeito a presença de parlamentares, tendo o trabalho de Reis (2015); há uma fraca preponderância para estes agentes no Jornal *Vias de Fato*, o que também foi visto no conteúdo das entrevistas e matérias que cederam/escreveram para o periódico, cujos assuntos norteavam bem mais os seus "trunfos" pessoais e políticos, assim como uma defesa de ideologias dos seus respectivos partidos, tendo como inimigo comum o governo vigente no Estado do Maranhão.

Compreender de forma mais específica as propriedades sociais de alguns agentes que escreveram para o jornal tornou-se uma intenção final, mas não esgotadora do trabalho, por meio de entrevistas com agentes – mulheres, intelectuais, "donos do Jornal", etc. - e que escreveram para o jornal, tentando perceber algumas relações sociais que poderiam compor, num futuro aprofundamento, redes de sociabilidades que participam os agentes, as possíveis gratificações que obtiveram (ou ainda obtém) do engajamento militante e da defesa

de causas consideradas "legítimas". Os agentes seriam analisados em relação as suas trajetórias, para uma possível construção de perfis de porta-vozes e suas redes de identificações na disputa por definições dos domínios políticos e culturais do Estado do Maranhão.

REFERENCIAS

BOURDIEU, Pierre. "Os usos do 'povo'". In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (p. 181-187).

_____. Algumas propriedades dos Campos. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. (p. 119-126).

CHARLE, Christophe. "A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas". In: HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. Editora FGV, 2006. p. 41-49.

CORADINI, Odaci L. e REIS, Eliana T dos. Transações culturais, intelectuais e as ciências sociais. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 9, n. 17; p. 9-18, 2012.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Introdução. Portugal: Edições 70, 1999.
GRILL, Igor Gastal. "Ismos", "Ícones" e Intérpretes: as lógicas as lógicas das "etiquetagens" na política de dois estados brasileiros (MA e RS). In: **Revista Sociologia e Política**, v. 20(43), 2012b, p. 193-220. Acesso em 30 de Agosto de 2017: <http://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31849/20333>.

GRILL, Igor G.; REIS, Eliana T. Disputas Faccionais e imprensa escrita no Maranhão. In: SANTOS, A. M.; GRILL, I. G.; SEIDL, E.; SOUZA, C. A. **Peças e engrenagens dos jogos políticos no Brasil**. São Leopoldo: Oikos; São Luís: EDUFMA, 2012b, p. 169-193.

_____. Elites Parlamentares e a dupla arte de representar: intersecções entre "política" e "cultura" no Brasil. Fundação Getúlio Vargas, 2016.
LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Educação e Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 37-55, 2002.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, LENOIR, MERLLIÉ e PINTO. **Iniciação à prática sociológica**. Editora Vozes, 1998. (p. 59-106).

PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil. **Entre o povo e a nação**. Prefácio, introdução e conclusão. São Paulo: Editora Ática, 1990.

REIS, Eliana T. dos "Fé" nos engajamentos políticos e culturais do Maranhão (1970 e 1980). In: GRILL, I. G.; REIS, E. T. (orgs). **Estudos sobre elites políticas e culturais**. São Luís: EDUFMA, 2014, p. 333-368.

_____. O trabalho de construção de um "Perfil cultural e artístico do Maranhão". In: GRILL, I. G.; REIS, E. T. (orgs). **Estudos sobre elites políticas e culturais**. São Luís: EDUFMA, 2014, p. 185-224.

_____. "Saberes em movimento: transações entre 'intelectuais', definições de ciências sociais e a 'política'". In: SEIDL, E.; GRILL, I. G. **As ciências sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013a, p. 21-74.

_____. **Trajetórias, espaços e repertórios de intervenção política**. Porto Alegre/São Luís: ZOUK/EDUFMA, 2015.

REIS, Eliana T; GRILL, Igor. Mirada reflexiva e esforços propositivos às pesquisas sobre elites. In: GRILL, I. G.; REIS, E. T. (orgs). **Estudos sobre elites políticas e culturais**. São Luís: EDUFMA, 2016, p. 9-45.

_____. Para um estudo de imbricações entre domínios políticos e intelectuais. In: GRILL, I. G.; REIS, E. T. (orgs). **Estudos sobre elites políticas e culturais**. São Luís: EDUFMA, 2014, p. 9-28.

RIBEIRO, Zema. Penúltima Página: Cultura no *Vias de Fato*. São Luis: Passagens, 2019. <https://editorapassagens.blogspot.com/2019/12/penultima-pagina-cultura-no-vias-de-fato.html>. Acesso em 13 de maio de 2020.

SAPIRO, Gisèle. Modelos de Intervenção Política dos intelectuais: O caso francês. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 9, n. 17, p. 19-50, 2012.

SAWICKI, Fédéric e SIMÉANT, Johanna. "Inventário da sociologia do engajamento militante. Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses". **Sociologias**, v. 13, n. 28, 2011 (pp. 200-255).

ANEXOS

TABELAS EM RELAÇÃO ÀS TEMÁTICAS DAS MATÉRIAS POR ANO

I

TEMA	MATÉRIAS – 2009
Denúncia a gestão de políticas públicas e problemas sociais	3
Política (críticas a corrupção, análises históricas, etc.)	7
Cultura (discussão sobre produtos/personalidades da cultura)	5
Desenvolvimento capitalista e agronegócio (impactos sociais/ambientais causados por empresas privadas e/ou governo)	2
Judiciário (problemas e críticas que perpassam por decisões no judiciário)	2
Militância política	1

Fonte: Jornal Vias De Fato

II

TEMA	MATÉRIAS – 2010
Denúncia a gestão de políticas públicas e problemas sociais	6
Política (críticas a corrupção, análises históricas, etc.)	11
Cultura (discussão sobre produtos/personalidades da cultura)	11
Desenvolvimento capitalista e agronegócio (impactos sociais/ambientais causados por empresas privadas e/ou governo)	13
Judiciário (problemas e críticas que perpassam por decisões no judiciário)	15
Militância política	3
“Classe trabalhadora” (discussão sobre greves, críticas a situação dos trabalhadores)	1
Eventos culturais	2
Sistema carcerário (críticas as políticas públicas e direitos humanos)	5
Conflitos de terra (conflitos de demarcação entre fazendeiros, quilombos e terras indígenas)	8
Religião	1
Movimentos sociais / defesa de “minorias” e problemas sociais	5
Educação e instituições do sistema educacional	2
Posicionamentos de candidatos políticos	3
Sobre o <i>vias de fato</i>	1

Fonte: Jornal Vias De Fato

III

TEMA	MATÉRIAS – 2011
Denúncia a gestão de políticas públicas e problemas sociais	10
Política (críticas a corrupção, análises históricas, etc.)	22
Cultura (discussão sobre produtos/personalidades da cultura)	17
Desenvolvimento capitalista e agronegócio (impactos sociais/ambientais causados por empresas privadas e/ou governo)	6
Judiciário (problemas e críticas que perpassam por decisões no judiciário)	6
Militância política	1
“CLASSE TRABALHADORA” (discussão sobre greves, críticas a situação dos trabalhadores)	3
Eventos culturais	7
Sistema carcerário (críticas as políticas públicas e direitos humanos)	1
Conflitos de terra (conflitos de demarcação entre fazendeiros, quilombos e terras indígenas)	12
Movimentos sociais / defesa de “minorias” e problemas sociais	10
Educação e instituições do sistema educacional	2

Polícia	1
---------	---

Fonte: Jornal Vias De Fato

IV

TEMA	MATÉRIAS – 2012
Denúncia a gestão de políticas públicas e problemas sociais	16
Política (críticas a corrupção, análises históricas, etc.)	23
Cultura (discussão sobre produtos/personalidades da cultura)	11
Desenvolvimento capitalista e agronegócio (impactos sociais/ambientais causados por empresas privadas e/ou governo)	6
Judiciário (problemas e críticas que perpassam por decisões no judiciário)	1
Militância política	3
"classe trabalhadora" (discussão sobre greves, críticas a situação dos trabalhadores)	2
Eventos culturais	4
Sistema carcerário (críticas as políticas públicas e direitos humanos)	
Conflitos de terra (conflitos de demarcação entre fazendeiros, quilombos e terras indígenas)	7
Religião	2
Movimentos sociais / defesa de "minorias" e problemas sociais	7
Educação e instituições do sistema educacional	6
Posicionamentos de candidatos políticos	2
Polícia	1

Fonte: Jornal Vias De Fato

V

TEMA	MATÉRIAS – 2013
Denúncia a gestão de políticas públicas e problemas sociais	14
Política (críticas a corrupção, análises históricas, etc.)	10
Cultura (discussão sobre produtos/personalidades da cultura)	5
Desenvolvimento capitalista e agronegócio (impactos sociais/ambientais causados por empresas privadas e/ou governo)	5
Judiciário (problemas e críticas que perpassam por decisões no judiciário)	3
"classe trabalhadora" (discussão sobre greves, críticas a situação dos trabalhadores)	2
Eventos culturais	3
Conflitos de terra (conflitos de demarcação entre fazendeiros, quilombos e terras indígenas)	3
Religião	2
Movimentos sociais / defesa de "minorias" e problemas sociais	12
Educação e instituições do sistema educacional	2
Posicionamentos de candidatos políticos	1
Polícia	3

Fonte: Jornal Vias De Fato

VI

TEMA	MATÉRIAS – 2014
Denúncia a gestão de políticas públicas e problemas sociais	10
Política (críticas a corrupção, análises históricas, etc.)	12
Cultura (discussão sobre produtos/personalidades da cultura)	6
Desenvolvimento capitalista e agronegócio (impactos sociais/ambientais causados por empresas privadas e/ou governo)	3
Militância política	1
"classe trabalhadora" (discussão sobre greves, críticas a situação dos trabalhadores)	1
Eventos culturais	2
Sistema carcerário (críticas as políticas públicas e direitos humanos)	2
Conflitos de terra (conflitos de demarcação entre fazendeiros, quilombos e terras indígenas)	3
Movimentos sociais / defesa de "minorias" e problemas sociais	5
Educação e instituições do sistema educacional	2
Posicionamentos de candidatos políticos	1

Fonte: Jornal Vias De Fato

VII

Tema	Matérias – 2015
Denúncia a gestão de políticas públicas e problemas sociais	5
Política (críticas a corrupção, análises históricas, etc.)	10
Cultura (discussão sobre produtos/personalidades da cultura)	5
Desenvolvimento capitalista e agronegócio (impactos sociais/ambientais causados por empresas privadas e/ou governo)	1
Sistema carcerário (críticas as políticas públicas e direitos humanos)	1
Conflitos de terra (conflitos de demarcação entre fazendeiros, quilombos e terras indígenas)	1
Movimentos sociais / defesa de "minorias" e problemas sociais	3
Educação e instituições do sistema educacional	1
Polícia	1

Fonte: Jornal Vias De Fato

TABELA RELACIONANDO EDITORIAS PELA QUANTIDADE TOTAL DE 2009 À 2015

MATÉRIAS	QUANTIDADE DE MATÉRIAS
Meio ambiente	4
Cultura	49
Direitos humanos	13
Artigo de opinião	66
Atualidade	57
Entrevista	55
Informe	12
Especial	15
Política	13
Polícia	2
Movimento social	1
Educação	1
Geral	1
Sociedade civil	1
Judiciário	1
Economia e sociedade	1

Fonte: Jornal Vias De Fato

*Cada elemento da soma se refere a quantidade de matérias encontradas em relação aos assuntos classificados, em uma ordem cronológica: de 2009 a 2015.

TABELA DOS TEMAS GERAIS ENCONTRADOS NO JORNAL

Política institucional	95
Denúncia na gestão de políticas públicas	64
Cultura	60
Movimentos sociais / defesa de "minorias"	46
Desenvolvimento capitalista e agronegócio	36
Conflitos de terra	34
Judiciário	27
Eventos culturais	18
Educação e instituições do sistema educacional	15
"Classe trabalhadora"	9
Sistema carcerário	9
Militância política	9
Posicionamentos de candidatos políticos	7
Polícia	6
Religião	5
Sobre o <i>vias de fato</i>	1

Fonte: Jornal Vias De Fato

Imagens do Jornal

I – Manifesto do Jornal, Outubro de 2009.

São Luís, Outubro de 2009

Vias de Fato

A cidade de São Luís

EDITORIAL/MANIFESTO

A nossa parte

São apenas doze páginas de um jornal mensal. Circulando entre assinantes da capital e do interior, em algumas bancas e reproduzido na internet. Em breve teremos um blog.

Este é o espaço que estamos ocupando neste latifúndio chamado Maranhão. É o espaço do Vias de Fato, um projeto de comunicação disposto a tratar de política, cultura e meio ambiente. Com uma pauta atenta aos movimentos sociais, às organizações populares e a comunidade estudantil e universitária. Interessado em discutir e informar sobre um lugar onde a atividade política, há muito, cedeu lugar para a lógica da máfia.

Consideramos que, no Maranhão, se faz necessária uma comunicação alternativa, que não esteja submetida ao interesse dos enclaves econômicos, da oligarquia, do feudalismo do latifúndio, do monopólio da mídia, da dominação cultural, enfim, dos poderes e dos poderosos que, associados, há muito tempo, atuam como donos de nossa terra.

Agiremos em desacato a esta estrutura que domina, agride, oprime, explora e escraviza os que tentam viver num Estado, cada vez mais, agredido por um modelo de desenvolvimento estúpido e degradante, onde as indústrias da cooptação e da destruição, são as únicas que prosperam.

No dia 27 de março deste ano, por exemplo, o jornal *O Estado do Maranhão* - herança viva da ditadura em nossa sociedade - trouxe um editorial falando, com entusiasmo, sobre o lançamento da pedra fundamental de um novo enclave na região Tocantina. O título foi: "Um Maranhão de oportunidades".

Oportunidade para quem? É notório que a nossa região precisa percorrer outros caminhos. Por isso, apesar das

Este escrito visa mostrar problemas urbanos de infra-estrutura da cidade de São Luís, que exigem soluções de emergência.

Na primeira metade do século passado o americano da ULEM geriam serviços na cidade que foram encampados pela autarquia estadual SAELTPA (Serviço de água, esgoto, luz, tração e prensa de algodão). Extinto o SAELTPA, o governador Matos Carvalho criou em 1958 a CEMAR (Centrais Elétricas do Maranhão), o DAES (Departamento de Águas e Esgoto Sanitários) e o DTU (Departamento de Transportes Urbanos), para operar bondes elétricos.

Auxiliar do governador, na qualidade de substituto do engenheiro Ruy Mesquita, diretor do DER, participei dessa reforma administrativa, tanto que fui designado diretor técnico da CEMAR com o engenheiro Jádriel Carvalho na presidência.

No governo de Newton Bello eu era diretor do DER (Departamento de Estradas e Rodagens), quando o engenheiro Camacho administrava o DAES (hoje CAEMA) em cooperação com o FSESP (Ministério da Saúde). Na ocasião, o Sistema Sacavém-Batata base do abastecimento d'água da cidade entrou em colapso.

Diante do problema o governador Newton Bello interveio nos trabalhos do FSESP nomeando-me para executá-los. Eram trabalhos de captação, tratamento, bombeamento, adução e distribuição d'água.

A primeira providência foi substituir a obsoleta e precária estação de bombeamento a vapor do início do século passado deixada pelos americanos da ULEM, e construir uma nova com bombas elétricas para água bruta e tratada e outra captação. Essa estação foi inaugurada por Newton Bello em 14 de julho de 1962 e funciona até hoje. Depois da intervenção foi designado diretor do DAES o engenheiro Francisco Ferreira que continuou esse programa setorial do governo.

Visitei neste mês de setembro o Sacavém e constatei que o sistema Sacavém-Batata funciona normalmente. Produz e aduz 2000 m³/h

Com a mesma tecnologia empreiteira com que Newton Bello fez o ponte do Caratatiua, José Sarmento do São Francisco e Pedro Neto e João Castelo a da Cambaia.

O aterro do Bacanga, obra feita pela BR-135, foi um erro de técnica e ecológica do governo de Sarmento. Construído há mais de quarenta anos, não resistirá por muito tempo. O lago-fossa permitiu a localização de imóveis, a maioria residências de nível médio, mas os níveis da preamar (maré alta) serão fatalmente inundados pelo rompimento do aterro. O Projeto Universidade Federal do Maranhão, no Bacanga, ficará sem acesso à cidade.

A solução é a tração por



imóveis edificadas abaixo da cota máxima anual da preamar e a construção de uma ponte sobre o rio Bacanga.

As rotatórias no cruzamento das estradas, aqui mencionadas, pedem o fluxo intenso do tráfego de São Luís. É emergencial a construção de elevados no Olho d'Água, no Caminho Forquilha.

Sem as devidas precauções, a população de 60, aterros hidráulicos com

II - Matéria de César Teixeira – outubro de 2009



III – Zema Ribeiro, abril de 2001



IV – Emílio Azevedo, dezembro de 2013

12 ATUALIDADE Vias de Fato São Luís, dezembro de 2013

Sampaio Corrêa!

O desafio de um fenômeno no futebol brasileiro!

Emílio Azevedo*

No século XX, os comunistas diziam que o futebol era "ópio do povo", algo "alienante". Ainda hoje, algumas igrejas evangélicas também o apontam como "idolatria", uma atividade ligada ao "pecado". Hoje este esporte está submetido, cada vez mais, a interesses políticos e econômicos. No meio disso tudo está à volta paixão do torcedor (em muitos casos o fanatismo) e a construção, evidente, de que este mesmo futebol, que muitas vezes foge a razão, está profundamente ligado a nossa cultura. Jeca Klossen - jornalista que estudou Ciências Sociais - diz que "não acredita em sociólogo brasileiro que não tenha os fundos da calça puídos no cimento das arquibancadas".

No caso da cidade de São Luís, por exemplo, ao falar dos seus costumes, tradições e paisagens - a partir de um senso comum - serão citados o bumba-meu-boi, o reggae, os foliões, os tambores, o peixe-frito com farinha, o arroz de ensaio, o caranguejo, a jacaia, as praias e os casarões. Mas, para descrever esta mal tratada cidade tropical, que ainda mantém um acervo arquitetônico tombado pela UNESCO, não se pode deixar de citar o Sampaio Corrêa, a velha Bolívia Querida, o time mais popular, aquele que suas numerosas torcidas pode até aumentar o calor da ilha, enfeitando avenidas, ladeiras, praças, mercados e bares, com o colorido bonito e extravagante de "sua camisa encarnada, verde e amarela", como diz o hino composto por Agostinho Reis.

É este Sampaio, identificado com São Luís, tornou-se, recentemente, um fenômeno nacional! Foi campeão brasileiro da Série D (2012) e vice-campeão da Série C (2013). Isto significa, respectivamente, a quarta e a terceira divisão do futebol brasileiro. Em 2014, jogará a Série B, a segunda divisão do campeonato nacional. Estas

sendo um dos piores do país. Sob determinados aspectos, é terra arrasada! Dirigente ruim é o que mais tem. Fernando Sarney, por exemplo, está há vários anos mantendo um episódio isolado, causado este ano, por uma dívida de estúpidos torcedores do Sampaio. Eles agrediram covardemente um maranhense, mas não houve revide. Isto foi na fase classificatória da Série C, quando a equipe pernambucana tremou diante da torcida boliviana e levou de três a zero do Sampaio, num Castelo lotado, com direito a show de Pimentinha.

É esta torcida, grande, pacífica e festeira, que enfrentará, em 2014, o seu maior desafio dos últimos anos: a segunda divisão do campeonato nacional. E num ano em que o futebol vai estar em evidência, com a realização da Copa do Mundo no Brasil. O atual

campo. Pelo menos um dos infrateiros foi identificado, preso e levado para a delegacia de polícia. E confusão mesmo, só se viu provocada por visitantes, num outro episódio isolado, causado este ano, por uma dívida de estúpidos torcedores do Sampaio. Eles agrediram covardemente um maranhense, mas não houve revide. Isto foi na fase classificatória da Série C, quando a equipe pernambucana tremou diante da torcida boliviana e levou de três a zero do Sampaio, num Castelo lotado, com direito a show de Pimentinha.

Este novo momento do Sampaio coincide com a reabertura do Castelo, que ficou cinco anos fechado, entre 2004 e 2012. Criou-se então uma nova conjuntura, juntando uma torcida e um estádio grande! E se diretoria souber (e quiser!) pode montar um projeto de médio e longo prazo, organizar o clube, tornando o time cada vez mais

deira. Hoje, o Sampaio enfrenta esse desafio. Mas do que subir de divisão, é subir um degrau na sua história. É buscar uma estabilidade, superando as contradições e dificuldades já citada. É isso, ou seguirá com os velhos problemas e descuidos do passado, agardando a mediocridade do futebol (e da política) maranhense, retomando, mais cedo ou mais tarde, as divisões marginalizadas do futebol nacional, onde ele vive por mais de uma década.

Este novo momento do Sampaio coincide com a reabertura do Castelo, que ficou cinco anos fechado, entre 2004 e 2012. Criou-se então uma nova conjuntura, juntando uma torcida e um estádio grande! E se diretoria souber (e quiser!) pode montar um projeto de médio e longo prazo, organizar o clube, tornando o time cada vez mais



A torcida do Sampaio tornou-se um fenômeno dentro do futebol brasileiro. Uma das maiores do país, dentro dos estádios. Além de empurrar o time, é uma patrocinadora de primeira.



Historicamente, o Sampaio vem seguindo o "modelo Castor de Andrade", submetido a um patrono, que se afasta, o time afunda. Poderá mudar isto, agora?

V – Marivânia Moura, fevereiro de 2012

REFERÊNCIAS
BOBBIO, Norberto. *Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <www.tse.jus.br>. Acesso em: 17 Jan. 2012.

LEAL, Nunes Victor. *Coronelismo, Enxada e Voto*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

RÉMOND, René. *As eleições. In. (org.) Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SINGER, André. *Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2002.

VILAÇA, V. Marcos; ALBUQUERQUE, R. Cavalcanti de. *Coronelismo: apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste*. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006.

WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

*Aluna do Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA e-mail: marivaniamoura@hotmail.com

São Luís, fevereiro de 2012 Vias de Fato OPINIÃO 3

A LEGITIMAÇÃO DO PODER POLÍTICO

O caso da eleição governamental do Maranhão em 2010

Marivânia Moura*

O que faz um governo legítimo? A força física, a vontade popular ou divina, a tradição? Em "A política como vocação", Weber (2001) entende a política ligada ao Estado e ao uso da coerção física, segundo ele, a violência não é o único instrumental de que se vale o Estado, mas é seu instrumento específico, portador, legítimo.

Na perspectiva de elaborar uma teoria geral da política, Bobbio (1987, p. 88) elaborou sua "passagem" pelos clássicos artigos e modernos na tentativa de entender a legitimidade do poder político, descreve [...] "dos dois mais famosos tipos de teoria política, a República de Platão e o Contrato Social de Rousseau, concebem com um debate sobre a relação entre justiça e força, no qual respectivamente Sócrates e Rousseau rejeitam a tese do "direito do mais forte [...]". Desse modo, implica a necessidade de atribuir uma base legal e justa a quem ocupa o poder a fim de que além do respaldo legal, tenha também respaldo ético.

Para Weber (apud BOBBIO, 1987, p. 93) existem três tipos ideais de poder, com as seguintes motivações:

[...] no poder tradicional, o motivo de obediência (ou, o que é o mesmo, a obediência pelo qual o comandante é obedecido) é a crença na sacralidade da pessoa do(a) soberano, sacralidade essa que deriva da força daquilo que dura há tempo, ou seja, que sempre existiu e desde que ninguém jamais não conhece razão para

tornar as regras, através de sofisticados processos de coações ideológicas que sustentam o "modelo substancialista" de poder político. Segundo Bobbio (1987, p. 77), "nas teorias substancialistas, o poder é concebido como uma coisa que se possui e se usa como um outro bem qualquer [...]", de modo que se continue em algo "naturalizado", sacralizado, inquestionável.

Em estudo sobre o processo de ruptura das estruturas e modos de exercício do poder do coronelismo no sertão pernambucano, Viçosa e Albuquerque (2006) asseguram que a partir dos anos 1960 surgem novas lideranças políticas no Nordeste, formadas por profissionais liberais (médicos, advogados, comerciantes e até industriais), suas lideranças preservaram fortes resquícios do autoritarismo predominantemente no tempo dos senhores de engenho.

É nesse contexto que o então governador José Sarney toma posse no Palácio dos Leões (1965), encerrando no Maranhão os vastos anos do coronelismo do estado. Desde então, o Sarneyismo representa "a nova face" do coronelismo, se apropriando como "veículo de mudanças", possibilitando a penetração do elemento moderno através de estradas, urbanização, construção de escolas. Assim, "o coronelismo tornou-se em meados do século passado, sobretudo depois de 1945, figura de coalizão entre tempo e estruturas sociais. Heterôneo e omne e a força da violência autoritária e semi-feudal;

força do mandato de Roseana Sarney se dá tanto pelo visto da tradição como pela racionalização de determinação da lei, mas não teve a legitimação do voto popular, uma vez que a mesma ocorreu apenas em 46, 10% dos votos válidos no pleito de 2006. De acordo com Rémond (2003), a eleição é um indicativo de respeito público, um revólver de ópio, representando a legitimação das estruturas de poder, simbólicas, portanto, nos regimes democráticos.

Sob o a eleição de 2010, a candidatura "O MARANHÃO NÃO PODE FICAR COMUM" com uma ampla coligação (PMDB, PT, DEM, PP, PSB, PTB, PV, PTN, PSC, PSD, PNM, PHS, PT do B, PRP, PRB, PSL) e total apoio do Palácio do Planalto, com direito à aprovação do presidente Lula e seu candidato à vice, Dilma Rousseff, rodado votos em maranhenses para reeleger o governador Roseana Sarney. O "nosso" dos candidatos Roseana Sarney, Dilma Rousseff rendeu um poderoso capital político à categoria Sarney, uma vez que promoveu importante "renovação" da imagem conservadora daquele grupo político, em virtude do movimento à figura do presidente Lula, sobretudo, aos programas sociais do governo federal. Tanto no plano federal quanto no plano estadual a coligação PT/PMDB causou certa estranheza para quem considerava a "direita", símbolo de conservadorismo a "esquerda", símbolo de mudanças por meio da mobilização social.

Segundo Bobbio (apud SINGER, 2002), "a legitimidade política não se

der como uma primária, o poder desce do vértice (a base), a autoridade última é a vontade de Deus. Nessa concepção o acidente do poder (segundo a qual o poder não desce da base ao vértice), a autoridade última é a vontade do povo [...] nesse caso, um populi vox Dei".

Desse modo, a vitória da candidatura Roseana Sarney, com 50,08% da preferência do eleitorado maranhense legitimou o domínio dos Sarneys no Maranhão, corroborando uma "tradição" que se amarra desde a segunda metade do século XIX. Enquanto o princípio da vontade estabelece essa conexão entre a vontade divina e vontade popular, o segundo, o princípio da natureza determina que existam certas forças que necessitam para constituir. Nesse caso, ficamos com o princípio da história por estabelecer a possibilidade da mudança, uma vez que a história é dinâmica, dialética, possibilitando movimentos de continuidade e ruptura.

Dito isto, deve-se lembrar que nenhum poder é inquestionável e a ponto de se perpetuar no tempo e no espaço, além dos interesses da coletividade. Onde há poder, sempre haverá resistência, essa é a perspectiva julietana de poder, de uma relação entre sujeitos, na qual não se descarta a possibilidade de exclusão, portanto, a possibilidade de liberdade.

REFERÊNCIAS
BOBBIO, Norberto. *Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral*

VI – Bira do Pindaré, agosto de 2011

Bira do Pindaré
É deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Vias de Fato - Qual sua opinião sobre as duas invasões ocorridas em sedes da CPT no Maranhão? Uma em junho (São Luís) e outra em julho (Pinheiro).
Bira do Pindaré - O que aconteceu foi um crime e precisa ser investigado rigorosamente. A CPT faz um trabalho heroico ao lado do povo, das comunidades quilombolas, tradicionais e indígenas. Não podemos deixar essa voz se calar e não podemos deixar criminosos que exploram e matam os maranhenses impunes.

Vias de Fato - Hoje, mesmo diante do risco de muitos, existe um clima tenso no Maranhão, por conta da questão da terra. Uma tensão provocada pelo conflito entre lavradores e latifundiários. E pode ser feito para impedir novas matanças, como velhos enredos? Sem reforma não há paz no campo?
Bira do Pindaré - A única maneira de se resolver o problema da pistolagem no Estado é solucionar a questão fundiária e dar o

titulo de posse das terras às comunidades. Temos que combater essa prática com todas as forças políticas e união dos movimentos sociais. Uma só voz não será ouvida, agora todos juntos podemos mudar esta realidade. Tivemos a presença de três ministros, do presidente nacional do Inra, do presidente da Fundação Palmares, do Defensor Geral da União, do representante da Secretaria Geral da Presidência da República e do Ministro da Justiça. Estavam aqui para resolver a problemática dos quilombolas. Esse encontro é fruto da mobilização dos trabalhadores e trabalhadoras que protestaram perante o Governo do Estado, o INCRA e demais órgãos públicos.

Vias de Fato - Nos parece que, se nada for feito, poderemos ter em breve novos mártires no Maranhão. Como Josimos, Flaviano e tantos outros. O senhor não concorda com isso?
Bira do Pindaré - Concordo completamente. Mataram Flaviano, e agora tentaram

matar outra liderança do mesmo povoado, em São Vicente de Férrer. Eu espero ter oportunidade de ir lá, de conhecer, não tenho medo dessas coisas não, eu acho que nós temos que passar a limpo essas histórias, não dá para a gente calar diante da pistolagem que parece, como indica esse caso, estar querendo voltar para o Estado do Maranhão. A CNBB também está nessa luta, contribuindo no que é possível. No último dia 14 escrevemos uma carta cobrando do TJ uma posição mais firme e atuante em defesa das comunidades.

Vias de Fato - Diante das invasões da CPT e do clima tenso em várias regiões do Maranhão, o que o senhor espera que o poder público faça? Estamos falando do poder público estadual e federal.
Bira do Pindaré - Já disse e repito: o Maranhão nunca vai caminhar para o desenvolvimento sem resolver a questão fundiária. É uma questão básica que humaniza toda a sociedade. Sem ter onde morar, uma

terra para plantar e sem o título de posse não podemos ter um Maranhão desenvolvido. A volta da pistolagem, que ameaça as nossas comunidades, sobretudo as comunidades tradicionais, as comunidades quilombolas, as comunidades indígenas e todos aqueles que resistem e lutam para mudar a realidade do Estado do Maranhão.

Não dá para a gente calar diante da pistolagem que parece, como indica esse caso, estar querendo voltar para o Estado do Maranhão.



VII – Alice Pires, dezembro de 2001

São Luís, dezembro de 2011

Vias de Fato

POLÍCIA 3

Acusados de matar Flaviano são ouvidos em audiência

Por Alice Pires* e Inaldo Vieira Serejo*

“Por causa de um pouco de terra, por uma fatia de pão, mataram mais um irmão, mataram mais um irmão...”

Cânticos, orações, revolta, muita emoção por parte de centenas de quilombolas na porta do Fórum e um silêncio sepulcral da imprensa tradicional do Maranhão, marcaram a 1ª audiência de instrução criminal dos acusados de assassinar o líder quilombola Flaviano Pinto Neto. A audiência foi realizada no dia 01 de dezembro, no Fórum da Comarca de São João Batista, município do Maranhão, localizado a 280 km da capital, São Luís. Num clima de muita tensão a audiência teve início às 09hs e término às 18hs, sem interrupção para o almoço.

Foram interrogados, pelos representantes da Justiça e do Ministério Público, os fazendeiros Manoel de Jesus Martins Gomes e Antônio Martins Gomes – acusados de serem os mandantes – e Josuel Sodré Sabóia, ex-policial militar expulso da corporação por causa de sua extensa ficha criminal, acusado de ter contratado o pistoleiro Irismar Pereira que teria efetuado os sete disparos que mataram Flaviano.

Irismar Pereira não foi ouvido ainda porque, segundo Armando Serejo, um dos advogados dos acusados, “a família dele nunca providenciou um advogado e ele não pode ser ouvido sem apresentar defesa preliminar”. Por isso os três réus serão ouvidos juntos. En-

crime de seqüestro, responde ainda pelos crimes de formação de quadrilha, receptação de roubo e homicídio. Sabóia teria participado também da famigerada Operação Tigre, implantada em 1990, pelo então governador João Alberto, que deu carta branca a alguns policiais para torturar e executar suspeitos, numa das mais terríveis ações

crime de pistolagem na região da Baixada, disse que nunca ouviu falar nesse tipo de crime, no entanto, afirmou que é muito comum na região “eliminação de pessoas”, causando certo alvoroço entre os advogados que tentaram “explicar” de outro modo, a afirmação da testemunha.

Durante toda a audiência os advo-

Ela disse que não tinha entendido. Ele então repetiu. “Não parece que a senhora está fazendo seu trabalho!” A Juíza então tomou a palavra e disse que não admitia aquele tipo de comentário, e com bastante veemência exigiu respeito. Depois de uma longa discussão os ânimos foram apaziguados.

Os acusados de serem os mandantes do assassinato negaram qualquer envolvimento no crime. Todos culparam diretamente o delegado Armando Gomes Pacheco de perseguição, mas, não souberam explicar o motivo.

Um deles, foi Antonio Gomes. Vice-prefeito de Olinda Nova, ele respondeu processo de cassação e negou conhecer Sabóia. Disse ainda nunca ter ouvido falar no nome de Irismar. Informou que Cilene, dona do bar, onde ocorreu o assassinato, era sua informante, frequentemente ligava para ele para formar se tinha pessoal do INCRA lá ou se estava ocorrendo algum caso. Atribuiu ao delegado a imputação crime. “Ele procurou de toda forma envolver”.

Já Manoel Gomes disse não por que foi acusado. Fez questão de deixar claro sua influência sobre autoridades da região. “Sempre fui de todos os juizes e delegados que passaram por aqui. Muitos juizes e



A próxima audiência ficou marcada para o dia 10 de janeiro, às 8:30, no mesmo local, no Fórum da Comarca de São João Batista.

VIII- Lyndon de Araújo, Março de 2010

Vias de Fato O P I N I Ã O **3**

SOBRE EVANGÉLICOS E “RETIROS CULTURAIS”

Lyndon de Araújo Santos*

As relações entre religião e política são inseparáveis na história humana. Desde os tempos antigos, o religioso e o político serviram a interesses mútuos. O sociólogo Pierre Bourdieu compreendeu essa relação na sociedade moderna ocidental, afirmando a homologia entre os campos político e religioso quando emprestam e reproduzem modelos a fim de criar e reproduzir o poder em suas esferas de atuação.

Eis a razão para tantos pastores, bispos e apóstolos ingressarem na vida política e, ao mesmo tempo, muitos políticos utilizarem a religião para ampliar seu capital político e eleitoral. Pastores, bispos, padres e até mesmo pais de santo se tornam conselheiros políticos e mediadores de interesses de grupos, de partidos e de indivíduos.

No Brasil religião e política estabeleceram laços íntimos. Surgimos como sociedade a partir

auxílio de governos.

Nas décadas de 1980 e 1990, com extensão para o nosso presente, esta situação mudou. O crescimento numérico - são quase 35% da população brasileira! - deu maior visibilidade aos evangélicos. Foram para a vitrine da mídia as virtudes de um segmento religioso, mas, mais ainda, os seus defeitos e as suas contradições éticas e morais. O moralismo do discurso preocupado com temas pontuais contradiz com práticas que deixam para trás grandes questões éticas. Como disse Jesus acerca dos fariseus de sua época, “coais o mosquito e engolis o camelo”. Ou ainda, enxergam o cisco no olho dos outros, mas não vêem a trave que está diante dos seus próprios olhos.

Este número crescente se tornou potencialmente, em primeiro lugar, um mercado consumidor para produtos evangélicos; e, em segundo, redutos eleitorais controlados por líderes religiosos em suas estruturas centralizadas. O voto evangélico tem sido determinante nas eleições presidenciais do país.

*Lyndon de Araújo Santos

Pastor da Igreja Evangélica Congregacional de São Luis
 Professor do Depto. de História e Diretor do Centro de Ciências Humanas da UFMA
 Membro do movimento Evangélicos pela Justiça.

IX – Horácio Antunes, março de 2010

12 ATUALIDADE Vias de Fato São Luís, março de 2010

Camboa dos Frades, Vila Madureira e Termelétrica do Porto do Itaqui

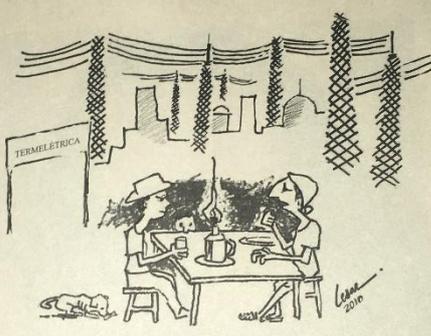
Ana Lourdes da Silva Ribeiro* e Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior*

Grandes projetos de desenvolvimento e comunidade locais

Desde a década de 1980, as ondas do tão falado desenvolvimento chegam ao Maranhão. A implantação da ALUMAR e da VALE no município de São Luís provocou impactos socioambientais na área do Itaqui-Bacanga e na atual zona industrial. Muitas comunidades foram atingidas e, em vários casos, deslocadas de seu território, deixando para trás seu modo de vida: a pesca, o extrativismo, a agricultura familiar e atividades afins.

Em 2003, ressurgem as discussões sobre novos empreendimentos na Ilha do Maranhão. Dessa vez, um grande pólo siderúrgico é anunciado e, junto com ele, o deslocamento compulsório de 12 povoados. A empresa paulista de consultoria Diagonal, a serviço do Governo estadual e da Vale, iniciou o cadastramento das famílias a serem deslocadas e fez a marcação de casas que, até então, estavam localizadas na Zona Rural II do município de São Luís.

Para atender aos interesses do empreendimento, o Prefeito Municipal de então, Tadeu Palácio, encaminhou um projeto de lei à Câmara Municipal, alterando a Lei de Zoneamento, Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo de São Luís (Lei Municipal nº 3.253/1992) com vistas a transformar a área pretendida em zona industrial. Depois de amplo debate público e forte e mobilizada resistência por parte das lideranças dos povoados



as águas da Baía de São Marcos.

Desde a fase inicial do processo de licenciamento ambiental o referido projeto tem sido alvo de profundas contestações, tanto no plano técnico-científico, quanto no âmbito de sua transparência política, gerando questionamentos quanto à sua legitimidade por famílias diretamente atingidas, por povoados vizinhos, por grupos de ambientalistas

idades de Camboa dos Frades não eram contempladas nos debates e negociações.

Todo o processo de negociação referente ao deslocamento da Vila Madureira foi conduzido pelo Setor de Responsabilidade Social da MPX, que muito habilmente aproximou-se da diretoria da União de Moradores, em especial de seu presidente, e, através de seus sociólogos, assistentes sociais e psicólogos, passou a fazer visitas constantes ao povoa-

elementos que questionaram o processo de licenciamento da termelétrica, bem como, a situação em que se encontra o povoado de Camboa dos Frades:

- 1) A empresa iniciou nova estrada de acesso à Camboa dos Frades, por dentro do manguezal, com um trajeto desaprovado pelos moradores devido ao aumento da distância com relação à BR-135, além de ter desmatado uma área considerável da vegetação de mangue. O IBAMA, em função do impacto não autorizou a obra, que foi embargada.
- 2) Durante o processo de licenciamento para a construção da termelétrica, os moradores de Camboa dos Frades não foram comunicados sobre a situação, prevalecendo informações distorcidas e manipuladas pela União de Moradores de Vila Madureira. O povoado foi ignorado tanto pelos empreendedores, como pelos próprios moradores da Vila Madureira que foram orientados pelos técnicos do Setor de Responsabilidade Social da MPX a manter diálogo e não passar informações que viria a acontecer.
- 3) Os moradores reclamam que estão sendo prejudicados mais recentemente por problemas: o primeiro, diz respeito aos custos que, sem qualquer tratamento, são ditados nos igarapés pela empresa "Ecodit" o que tem reduzido a produção de peixe; o segundo, refere-se ao assoreamento dos igarapés em que pescam, pois, o des-

*Ana Lourdes da Silva Ribeiro

Geógrafa, aluna do Curso de Especialização em Educação Ambiental da UEMA. Pesquisadora do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA)

**Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior

Professor do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA. Coordenador do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA)